Ronald Claver

BAR E CAFÉ SÃO JORGE

69.3
17b
ed.
1

Bar e café São Jorge

022495

EDITORA LÊ

Ronald Claver é mineiro de Belo Horizonte. É autor de 17 livros em gêneros diversos (poesia, novela e infanto-juvenis). Leciona Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Colégio Técnico da UFMG. Ganhou importantes prêmios literários, entre eles o Fernando Chinaglia de 1971 com *Matemágica* (poesia), seu livro de estréia. Casado, três filhos, torcedor do Clube Atlético Mineiro (ao qual já dedicou poemas e várias citações em seus textos em prosa). *Bar e Café São Jorge* é seu primeiro romance, finalista do "Prêmio Literário Casa de las Américas 1992". Sobre a obra, assim se pronunciou o júri: "Su autor crea una secuencia de escenas alternadas o simultáneas; cuadros rápidos de la vida cotidiana en un bar por donde desfilan las personas con sus dramas, sueños, delirios y recuerdos. El ritmo de los encuentros y desencuentros es rápido y al estilo de cortes cinematográficos. Tendría un buen rendimento escénico. Es fácil visualizar la obra como espectáculo".

RONALD CLAVER

PROFORMAÇÃO
AGF - São João do Piauí
Coord. Mª Célia de S. Ferraz

BAR & CAFÉ SÃO JORGE

Digitalizado com CamScanner

RONALD CLAVER

BAR & CAFÉ SÃO JORGE
(FIM DE FESTA)

2ª EDIÇÃO

Texto finalista do
Prêmio "Casa de las Américas" 1992

B869.3
C617b
2.ed.
ex.1
(Disponível)

RB: 12008
BIBLIOTECA - UESPI
REGISTRO 0.22495
DATA 23/08/23

EDITORA LÊ

Digitalizado com CamScanner

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Claver, Ronald.

C555b Bar e café São Jorge / Ronald Claver; Capa: Marcus Vinícius Queiroz — Belo Horizonte, MG: Ed. Lê, 2ª edição, 1996.

(Coleção Os Narradores)

1. Romance brasileiro. I. Título. II. Série.

CDD - 869.93
93-0340 CDU - 869.0(81)-3

EDITORA LÊ

Copyright © 1993 by Ronald Claver

Projeto Gráfico: Marcos Lourenço

Direitos reservados pela

EDITORA LÊ S/A
Av. Pedro II, 4.550 - Fone: (031) 462-6262
Caixa Postal 1385 - Fax: (031) 464-9165/411-1797
30.750-000 - BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS

Filiais:

Rio de Janeiro - RJ - Rua Stª Alexandrina, 174
Rio Comprido - CEP 20261-232 - Fones: (021)
293-5954/273-7346/273-4063
Fax: (021) 273-7346

São Paulo - SP - Rua José Antônio Coelho, 854
Vila Mariana - CEP 04011-062 - Fones: (011)
573-3153/572-7990/573-0381
Fax: (011) 549-6959

Juiz de Fora - MG - Av. Independência, 605/Loja 05 - Centro
CEP 36010-020 - Fone: (032) 215-6774 - Fax: (032) 213-1592

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer processo, sem autorização por escrito da Editora.

Este livro pode ser pedido pelo código **NA 001**

ISBN 85-329-0429-7
Impresso no Brasil
Printed in Brazil

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

07.93.1 - 5.030

10.96.2 - (17.000)

Digitalizado com CamScanner

PROFOR...
AGF - São João do Piauí
Coord. Mª Célia de S. Ferraz

Jurados do Prêmio "Casa de las Américas":
Carlos Nejar, Jefferson del Rios, Lígia Chiappini e José Saramago.

Digitalizado com CamScanner

DEDICATÓRIA

Alguns bares ficaram na memória.
Outros na história. É o caso do Bar do Gentil Porcão
(in memoriam) R. Campos Sales c/Zé de Alencar,
Bar do Geraldo também R. Campos Sales.
Bares do Mercado, Mané Doido. Bar 28 na torcida
do Galo no Mineirão. Cantina do Lucas.
Ex-Gruta Metrópole e o Bar e Rest. Santa Branca
na Mário de Andrade onde imaginei a história.
E outros e outros bares.

Digitalizado com CamScanner

1ª PARTE
OS PAPOS

DOIS poetas. Um de barba. Outro sem barba. Estão em frente ao BAR & CAFÉ SÃO JORGE FUTEBOL CLUBE.

CONVERSAM:

POETA DE BARBA:
— Nome estranho para bar.

POETA SEM BARBA:
— Enorme.

— Gosto.
— Do nome?
— Do bar.
— Ah!
— Vou entrar e fazer um discurso. Falar poesias.
— Vão vaiar.
— Azar. Falo meus poemas. Quem gostar, gostou.

Digitalizado com CamScanner

— Vou beber cerveja. Muita cerveja.

— Ficará bêbado, certamente.

— Tenho certeza.

ENTRARAM:

BAR E CAFÉ SÃO JORGE

PORCÃO, 36 anos, barba, gordo, mal humorado, bocejos, dono do bar.

HOMEM DE GRAVATA, 40, cabelos curtos, olhos vermelhos. Uísque *cowboy*, cerveja e conversa.

HOMEM CALVO, 31, camisa e calças jeans, óculos, vodca, limão, gelo, cerveja, na mesa com o homem de gravata.

LOURA OXIGENADA, batom vermelho, olhos pintados, pulseiras, brincos, "colant", 29, magra.

RAPAZ, 22, cara de menino, olhos castanhos, cabelo grande, brinco, medalha no peito, na mesa com a loura.

CRIOULO forte, 1,80, 90 kg, no balcão. Pinga, traçado, rabo de galo, futebol e lembranças.

MULHER DE ÓCULOS, séria, meia idade, cabelos curtos, calças compridas, caipirinha.

MULHER DE VESTIDO rodado, seios à mostra, pintura discreta, junto da mulher de óculos, vodca com laranjada, almôndegas.

MOÇA DO HORÓSCOPO, jornal aberto na página de astrologia, livros e revistas sobre o assunto, 30, casada, bonita, morena, uísque com guaraná.

POETA DE BARBA — palavras-silêncios-cervejas.

POETA SEM BARBA — cervejas-palavras-cervejas.

Digitalizado com CamScanner

POETA SEM BARBA:

— Gostoso demais. Estalo a língua e glute, glute, glute. Quer?

POETA DE BARBA:

— Vou falar. Vai começar a falação de poesia. Trepo na mesa e começo. Depois bebo.

— Cuidado. E glute, glute e glute. Gelada. No ponto. Quer? Estúpida. Estúpida. Estupidamente gelada. Quer?

— Trepo na mesa e ataco.

— A reação das pessoas é estranha. Acontece de tudo. De tudo acontece, até aplauso. Vai. E glute, glute, glute. Estúpida essa cerveja. Desce bem. Muito bem. Quer?

Poeta de barba: (trepado na mesa)

— ABAIXO AS TEORIAS E PALAVRAS. ACABO DE FUNDAR UMA NOVA REPÚBLICA: ESTOU FUNDANDO A REPÚBLICA DA UTOPIA.

Alguns levantam os olhos, outros não. Porcão boceja. O Crioulo aproveita e pede mais uma dose de pinga com limão.

—SALVE A NOSSA INOCÊNCIA PERDIDA PARA SEMPRE NESTES TRÓPICOS E NESTE BAR. VAMOS CAMINHAR DE MARCHA A RÉ E ASSIM DEVOLVEREMOS AO HOMEM A SUA IDENTIDADE PERDIDA PARA SEMPRE NAS FÁBRICAS DE LIVERPOOL.

Porcão boceja. A morena do horóscopo anota: "dia bom para descansar a cabeça. Procure um lugar aprazível e seja feliz." O Crioulo não pede uma pinga com limão. Pede um rabo de galo.

— ABAIXO A CIVILIZAÇÃO DE MERDA QUE NEGA A FÁBULA; QUE NEGA O SONHO, QUE NEGA CHAPLIN E ME IMPÕE UM TERNO E GRAVATA: À MERDA ESSA CIVILIZAÇÃO.

Digitalizado com CamScanner

Silêncio. Do alto da mesa, o poeta de barba contempla a paisagem do bar. Ninguém diz nada. Nada. Desce da mesa e humildemente se assenta.

POETA DE BARBA:
— Ninguém fala. Ninguém reage. São fantasmas. Sombras.

POETA SEM BARBA:
— Palavras demais. Chaplin, Liverpool, inocência, gravata, república, utopia.

POETA DE BARBA:
— Acredito nisso. Acredito em Chaplin, utopia, inocência. Acredito muito nisso.

POETA SEM BARBA:
— Glute, glute, glute. 3ª garrafa. Acredito também. Acredito muito em cerveja gelada. Quer?
— Creio em minhas palavras.
— Glute, glute, glute. Prefiro a cerveja. Quer?

POETA SEM BARBA olha para o teto como se no teto houvesse alguma coisa. Coisa alguma não há. Nada. Nada além do mofo, da teia de aranha, lâmpadas, nada além de nada. Só o mofo, teias de aranhas. Além disso, nada. Nada de nada.

POETA DE BARBA olha para o teto como se olha para o pôr-do-sol ou para um par de seios que se projeta do sutiã. Não há pôr-do-sol, seios, tampouco sutiã. Além das lâmpadas, do mofo, da aranha, da malha e teia da aranha, nada.

Porcão no quinto bocejo. Poeta sem barba na quinta cerveja. A morena entre o quinto e sexto signo. Entre virgem e touro. Um uísque *cowboy* desce pela garganta. É o HOMEM DE GRAVATA conversando com o HOMEM CALVO.

HOMEM DE GRAVATA:
— Dói. Dói muito.

Digitalizado com CamScanner

HOMEM CALVO:

— Passa.

— Bebo.

— Melhor viajar.

— Sei não. Não quero que passe. A lembrança dela não morreu.

— O amor e a ressaca.

— Nem um bilhete, recado, telefonema, carta, nada.

— Nada.

— Nada, não deixou vestígios. Deve ter apagado até as impressões digitais.

— Tinha motivo?

— Fiz um pacto de brincadeira.

— Pacto?

— É, não tinha nada para falar, propus um pacto.

— Sei. Não tinha nada para falar, propôs um pacto.

— Se o amor fosse embora, alguém iria junto. Ninguém seria obrigado suportar o enfado da convivência sem amor.

— Amor acabou?

— Não acabou. Tenho certeza. Fizemos amor na noite anterior de sua partida. Até exageramos.

— Exageraram?

— Essas coisas não se contam.

— Sei, sei. Essas coisas são para os dois.

— Fizemos amor, é tudo.

POETA DE BARBA torce nervosamente as mãos e diz:

— Não reagem. Não reagiram. Por quê? Continua torcendo as mãos nervosas e falando alto: "Não reagiram, não reagiram e não reagem, por que?" E torce nervoso as mãos.

POETA SEM BARBA faz glute, faz glute, faz glute. Fala: "Palavras demais. O povo quer é sangue, última página de jornal, mulher pelada, escândalo, sexo, o caralho. O povo não quer metáforas. O povo não come o que não conhece. O povo quer é o etcetera das coisas, o escambau.

Digitalizado com CamScanner

— Limão acabou.(PORCÃO)
— Mete cinzano.(CRIOULO)
— Está acabando.
— Qualquer merda.
— Fogo paulista.
— Vai.
— Meio a meio?
— Mais fogo.
— Fica mais caro.
— Menos fogo.
— Crioulo safado.
— Porco imundo.
— A mãe!
— A nossa! E brinda mostrando o sininho da goela. Glot! E arrota com dignidade o torresmo do almoço.

— Você fica mais bonita de vestido. Gosto, particularmente deste vestido. (MULHER DE ÓCULOS)
— Foi você quem me deu. Não se lembra? (MULHER DE VESTIDO)

— Claro. Foi presente de aniversário. Vai beber o quê? Já sei. Vodca com laranjada. Vou de caipirinha. Adoro caipirinha. E aqui fazem uma caipirinha que é uma delícia. Fritas ou filé a palito? Ia me esquecendo do seu tira-gosto preferido: almôndegas. Vamos de almôndegas.

— Tenho pressa. Só a bebidinha. Não posso demorar muito.
— Você nunca tem tempo para mim. É Guto?
— Quem dera. É um aniversário. E já estou atrasada.
— Guto. Esse Guto sempre no meu caminho.

POETA DE BARBA:
— Tento de novo. Trepo na mesa e ataco.

POETA SEM BARBA:
— Mude o tom.
— Não posso. Tenho compromisso.
— O povo também tem compromisso.

Digitalizado com CamScanner

— Sou escravo de minhas teorias. De minhas utopias. De minhas palavras. De meu espelho.

— O povo não quer as suas palavras, quer as palavras dele. O povo quer ouvir o povo.

— Falo as minhas primeiro. Primeiro as minhas palavras.

— Aí o povo fica indiferente. E nem vaia.

— A indiferença é doença que machuca.

— Tome um copo e glute. Continua estúpida.

— A minha fala?

— A cerveja e glute, glute, glute.

— Prefiro a de óculos.(CRIOULO)

— Coroa tenho em casa. (PORCÃO)

— Gosto de mulher experiente.

— Você não gosta de nada. Não dá mais no couro.

— Sou galo. Comigo é no gargalo.

— Galo nada. Bananeira que já deu cacho.

— Como as duas e sua mãe.

— Com limão?

— Vai pura (e tomou de vez a pinga)

— Esse vestido fica bem em você. Os seios à mostra mostram a mulher que você é. Repare como o dono do bar e o homem escuro não tiram os olhos de você. (MULHER DE ÓCULOS)

— De nós duas. Eles estão nos devorando. Me sinto estuprada. Gostaria de saber o que passa na cabeça deles. (MULHER DE VESTIDO)

— Imagino. Os homens são iguais. Somos todos iguais. O desejo é o mesmo.

— Muito estranho esse bar. Todos parecem fantasmas. Ninguém entra, ninguém sai. Parece um teatro. Cada um cumprindo o seu papel. Muito estranho. Tudo estranho.

— Um bar igual aos outros.

— Repare. A loura não deixa o rapaz nem respirar. Aquele poeta falando poesias e nenhuma reação. O homem de gravata conversando sem parar com o ho-

Digitalizado com CamScanner

mem calvo. O rapaz que está com o poeta barbudo bebe cerveja como se fosse água. A moça morena bebericando uísque com guaraná e lendo jornal e livros. E estes dois idiotas que estão no balcão nos comendo com os olhos. Estranho. Muito estranho este bar.

— Gosto. Cada vez gosto mais.

— Ninguém pode gostar um lugar como este. É impossível alguém gostar daqui.

— De você.

— Não!

HOMEM DE GRAVATA:

— Não sei o que faço. Estou desesperado.

HOMEM CALVO:

— Tempo ao tempo.

— Já dei. Ela está em tudo. Até no vento.

— No vento?

— De vez em quando o vento sopra no meu cabelo. Lembro-me dela.

— Fica difícil esquecer.

— A fumaça do cigarro. Voltei a fumar. Fumo o cigarro dela. O cheiro dela está no cigarro.

— Viaje.

— Não dá. A casa está como ela deixou. Ninguém pode por a mão em nada. Só o meu quarto que é arrumado. Só o meu quarto.

— E a poeira, o mofo, a sujeira?

— São coisas dela.

POETA SEM BARBA:

— Fale de mulher. De paixão. Sexo.

POETA DE BARBA:

— Já falaram.

— O povo quer ouvir o ouvível. O povo quer saber como é que o poeta transa mulher. Ele quer saber isso para usar com a sua mulher. Isto é, com a mulher dele. Nada de complicado. Faça o jogo do povo e tudo será mais fácil.

— O mundo explodindo em ditaduras e fome e você quer que eu fale de mulher.

Digitalizado com CamScanner

— Se o povo gostar do que você falar de mulher, vai ter saco para ouvir você falar de ditadura, fome e outras bobagens.

— Nada é bobagem.

— Modo de falar.

— Tento mais uma vez. Mudo depois.

— Tente. Depois será tarde. E glute, glute e glute.

— Seu time sempre morre na praia. (PORCÃO)

— Mas chega lá. (CRIOULO)

— E adianta? Perder a final é como perder todas.

— E o seu time que não ganha nenhuma. Nem na praia vai.

— O vexame é menor. Ninguém repara. Só lembram da final.

— Um tem que ganhar. Nem sempre é o melhor que ganha.

— Conversa. Seu time nunca ganha. Só chega perto. Morre de sede.

— Um dia ganha.

— Fique esperando.

POETA DE BARBA trepa novamente na mesa. POETA SEM BARBA continua sentado. Os pés do poeta de barba quase tocam no copo do poeta sem barba, que faz glute e glute.

POETA DE BARBA é todo palavra:

"ESTOU SÓ E O RELÓGIO NÃO PÁRA. SEU TIQUETAQUEAR ROMPE MEUS TÍMPANOS. SEU TIQUETATEAR SÃO METRALHADORAS NOS CAMPOS E NAS RUAS DE SANTIAGO, HANÓI, BUENOS AIRES, LÍBANO, MANÁGUA. ENQUANTO ESTAMOS AQUI, ALGUM GENERAL PLANEJA E FUNDA UMA NOVA REPUBLIQUETA LATINO-AMERICANA".

POETA DE BARBA faz silêncio. Ouve-se apenas o *glute* do poeta sem barba, o *glot* do crioulo e o *ah* do porcão.

POETA DE BARBA contra-ataca:

"E NESTE BAR E MOMENTO OSWALD E MÁRIO GRITAM, MISTURADOS À GAROA E À FUMA-

Digitalizado com CamScanner

ÇA DAS CHAMINÉS DE UMA PAULICÉIA DESVAIRADA, PALAVRAS DE ORDEM E PROCLAMAM: — ESTÁ FUNDADO O DESVAIRISMO!"

— Caras esquisitos. Devem ser comunistas. Entendo nada que falam. Você entende? (CRIOULO)
— E precisa? Pagam adiantado. (PORCÃO)

Poeta de barba percebe o cochicho do Porcão com o Crioulo, fica animado. Percebe o silêncio nas outras mesas. Fica desanimado. O poeta sem barba não faz glute. O Porcão boceja. Mas não tira o olho do poeta. Todos estão de olho no poeta de barba. Aguardam mais palavras. O poeta suspende a respiração. Os olhos correm o bar. E no ar uma palavra fica à espera de articulação.

A LOURA que engole o rapaz com sua grande boca interveio:
— Quem é Mário, quem é Osvaldo?
— Seu pai e sua mãe, sua bruxa! Fala o poeta sem barba fazendo glute e glot.
A LOURA volta faminta ao rapaz. Ninguém ri. As duas mulheres entreolham-se. A mulher que lê horóscopo anota:
"Aproveite o dia de hoje para descansar. Arrume melhor a casa ou vá para algum lugar onde possa repousar a mente. Poderá ocorrer um encontro com alguém do passado. Poderá também ocorrer uma surpresa. Um novo relacionamento. Solte-se. Não fique comparando suas relações afetivas do passado com as que vão ocorrer daqui para frente."
A mulher percorre ávida os rostos daquele bar. Não encontra em ninguém uma correspondência. "Melhor voltar para casa, e Cornélio?" pensa.
A palavra continua no ar e sua articulação torna-se mais difícil.

HOMEM DE GRAVATA:
— Ela deve estar passando dificuldades.

Digitalizado com CamScanner

HOMEM CALVO:

— Vai atrás.

— Não sei onde mora. Nunca soube nada. A gente conversava pouco. Muito pouco.

— Nenhum parente? Um tio no interior. Essas pessoas sempre têm um tio no interior.

— Espere! Tia Emília de Valadares. Ela me falou de uma Tia Emília em Governador Valadares.

— Olha aí uma pista.

— Você já foi a Valadares?

— Quente demais. Muito quente.

— Como vou achar Tia Emília naquela fornalha?

— Simples. Você desce na Rodoviária e pede ao chofer de táxi para te levar pra casa de Tia Emília. Aí ele fala: "Pois não" e te leva para a casa de Tia Emília. Depois você agradece. Bate palmas. Uma senhora idosa aparece e diz: "Entre, ela está à sua espera".

— Não brinque com essas coisas.

— Me dá mais uma pinga para lavar a boca. (CRIOULO)

— Sua conta está alta. Dinheiro sei que não tem. (PORCÃO)

— Para o mês arrumo emprego. Vou virar treinador.

— Bebendo desse jeito?

— O Augusto disse que está tudo arrumado. É só ajeitar a papelada.

— E você acredita nesta história. Olhe no espelho, crioulo burro.

— Burro é a mãe. Já fui grande. Quem foi rei, sempre será majestade.

— Majestade de merda.

— Sempre pago a conta.

— É bom não encher a cara, hoje tem serviço pra burro.

— Sei beber.

— Sabe nada. Vive escornado.

— Me dá a cachaça e não me enche o saco.

— Vai ter que lavar o bar.

— Faço qualquer merda. Me dá a cachaça.

— PARE com insinuações. Vamos esclarecer tudo. Não gosto de indiretas. Sou apaixonada pelo Guto. (MULHER DE VESTIDO)

Digitalizado com CamScanner

— Guto é o de menos. (MULHER DE ÓCULOS)
— Não sei o que possa haver além de Guto.
— Guto não é amor para você.
— Não entendo suas indiretas.
— Amor é amor. O resto é sexo.
— Gosto do amor de Guto. Do sexo de Guto. Gosto de tudo.
— Amor é cheiro.
— Gosto do cheiro de Guto. Gosto de cheiro de homem.
— Tudo mesma coisa.

POETA DE BARBA, ainda trepado na mesa, continua:

Neste momento e hora o poeta Drummond, em Itabira, onde jaz o Pico do Cauê, cansado de ser moderno, fica eterno na parede da memória, mas como dói.

Em Minas Gerais, ao som do repique dos sinos e das granadas verdes oliva, as mulheres rezam unidas e em nome de Deus, da Pátria e Propriedade dão ouro, minério, montanhas, florestas, consciências, o escambau para o bem dos Estados Unidos do Brasil.

Em Juiz de Fora, o menino experimental Murilo Mendes, que tem duas rosas na face e nenhuma no coração, descobre que o HOMEM é o único animal que joga no bicho.

Em Porto Alegre, no Quintana's Bar, um Anjo Azul bebendo a noite num copo de aurora avisa: "NÃO TENHAS escrúpulos: se alta noite meteres uma bala no ouvido, os vizinhos pensarão, polidamente, que foi apenas um pneu que estourou".

Na Paulicéia Desvairada, o poeta Oswald de Andrade, depois de deglutir o bispo Sardinha numa salada à Pau-Brasil abraça Tupã e constata: ANTES de os portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

O poeta sem barba levanta-se. Olha para todos sem se fixar em ninguém. Em seus olhos sonolentos, as imagens se multiplicam. Cambaleia. Tenta ficar ereto, desaba na cadeira. E com a voz gaga e bêbada brada: NUM país onde poeta é apelido e mãe palavrão, o resto é corrupção.

Digitalizado com CamScanner

MULHER DO HORÓSCOPO:

"Paixão é a palavra chave dos nativos de Escorpião. Sou obsessiva e apaixonada. Não gosto de dividir minhas paixões. Há tempo pra tudo. Com Augusto faço o amor pontual. O amor funcionário público. Com tempo marcado. Relógio de ponto. Hora de começar e acabar. É o amor nos seus limites. É um amor administrativo, mas me satisfaz.

Os escorpianos vivem em mudanças. Gostam de emoções fortes. A sexualidade é de extrema importância em suas relações, por isso não recrimino Cornélio com seu jeito de machão de esquina. Gosto dele. O seu machismo me faz bem. Sinto-me fêmea. Me revela o meu lado animal. Ele está atrasado. Vai gostar do ambiente. Aliás foi ele quem escolheu este bar. Aposto que vai querer me possuir em cima desta mesa. Vou morrer de vergonha. Gostarei. Quem não gosta de fazer coisas absurdas? Neste bar tudo é possível. Ninguém dará importância.

Os nascidos em Escorpião são misteriosos. Preferem dominar e controlar as pessoas com que se relacionam a vê-las independentes e arbitrárias. Nicodemos é puro, delicado. É um intelectual. Gosta de astronomia. De ambientes finos e refinados. Acho que Nico nunca entrou num bar como este. Nem imagina que freqüento esses ambientes.

Se soubesse que venho aqui, não acreditaria."

A mulher fecha o livro e se surpreende com seus pensamentos. Pensa em Augusto, o marido. Belisca a própria pele. Parece sonhar. Ela naquele bar esperando por outro, por Cornélio. Será verdade? Belisca de novo o braço. Está viva e o Crioulo entorna na goela um novo traçado.

O POETA DE BARBA desce da mesa e experimenta a cerveja, não faz glute, mas estala a língua: "Porreta", e fala pra todo mundo ouvir: "Melhor que palavra, igual mulher". Toma outro copo, não segura a inspiração, a cerveja é uma mulher loura: "Loura e bela venha conhecer a escuridão de minha goela", o Poeta de Barba não faz glute, mas faz versos.

Digitalizado com CamScanner

"Agora é a minha vez", fala o POETA SEM BARBA.
"Agora é a minha vez", refala o POETA SEM BARBA, trepando na mesa bêbada e bêbado.

— Vai começar tudo de novo. (CRIOULO)
— Fecho daqui a pouco. (PORCÃO)
— Pago pra ver.
— Você não paga nem a cachaça que bebe.
— Você me paga.
— Quem deve é você.
— Porco ladrão.
— Crioulo sujo.

POETA SEM BARBA em cima da mesa. A mesa treme. O povo treme. O bar treme. Não faz glute. Boceja. Escancara a boca. Solta a língua:

"QUERO CONTAR PRA VOCÊS UMA HISTÓRIA. QUERO CONTAR UMA HISTÓRIA DE AMOR. OU MESMO UMA HISTÓRIA SEM AMOR. NEM SEI SE QUERO MAIS CONTAR QUALQUER LERÉIA.

NÃO VOU FALAR DO PASSADO NEM DO FUTURO. FALO DAS COISAS QUE ESTÃO NA MIRA DOS OLHOS. MEU OLHO É UM GATILHO. E DISPARA NA DIREÇÃO DA VIDA. ACHO QUE VOU FALAR DA VIDA. FALO DA VIDA QUE EXPLODE NESTE BAR: ESTAMOS AQUI CONVOCADOS POR UM DEUS INVISÍVEL QUE SABE DE NOSSOS DESCAMINHOS. SOMOS TODOS IGUAIS. A DOR É A MESMA. ESTAMOS À PROCURA DE NOSSAS SOLIDÕES. E QUANDO A SOLIDÃO SE REFUGIA NOS COPOS E MESAS DESTE SÓRDIDO BOTECO É PORQUE HÁ NECESSIDADE DE DOARMOS O CORAÇÃO."

POETA SEM BARBA sente os olhos do bar nele. Respira fundo. Estala a língua. Os seios da LOURA OXIGENADA estão nas mãos do RAPAZ. Porcão consulta o relógio, o Crioulo derrama cachaça goela abaixo.

POETA SEM BARBA gosta da reação silenciosa do público e embebido de cerveja e palavra destila palavras e verve:

Digitalizado com CamScanner

"A MATÉRIA DO POETA É A VIDA E A VIDA ESTÁ EM TUDO. A VIDA EXPLODE NAS ESQUINAS, NOS BARES, NA SALA DO PRESIDENTE, NA SALA DE JANTAR, NOS BECOS, SARJETAS, ESTÁDIOS: A VIDA É ELETRICIDADE. O POETA É O FIO CONDUTOR DESTA REALIDADE. A VIDA É ELETRICIDADE E DÁ CHOQUE."

HOMEM CALVO:

— Ela voltará. Se há amor, ela voltará. Dizem que o amor vence sempre.

HOMEM DE GRAVATA:

— Já ouvi essa babaquice em algum lugar.

— Neste bar ninguém sabe quem sou (CRIOULO)

— Esqueça isso. (PORCÃO)

— Se soubessem, viriam pedir autógrafo.

— Tempo passou.

— Antigamente esse pessoal estaria babando. Puxando meu saco.

— Tudo passado.

— Mulher era de montão.

— Pare de sonhar.

— Só se ouvia falar no Crioulo. Era Crioulo pra lá e Crioulo pra cá. E o neguinho andando nos ovos. Bebendo bebida de rico. Terno de linho S-120, tropical inglês, camisa de seda, sapato de verniz. O crioulo era luxo só. O resto era o resto. Crioulo esnobava. Era o tal.

— Não guardou nada.

— Futebol do passado é ilusão. Dinheiro entrava pouco. Havia promessas dos bacanas. Muita fama, nome no jornal, badalação. Dinheiro que era bom, nada.

— Tudo mesma coisa.

— Hoje qualquer perna-de-pau fica milionário. No meu tempo a gente suava a camisa. Dava sangue.

— Deu no que deu.

— Você se lembra quando ganhamos o campeonato?

— E daí?

— O gol foi meu. Um gol de bicicleta. Glória total. Fui carregado até ao centro da cidade. O crioulo

Digitalizado com CamScanner

virou notícia nacional. Minha cara apareceu em todos os jornais.

— E daí? Valeu alguma coisa?

— Deixa de ser baixo-astral. Você está é com ciúmes. Fica atrás deste balcão morrendo de inveja de mim. Só quem conheceu a glória sabe o sabor que ela tem.

— Deixa de ser bobo.

— Não me aporrinhe. Bola no meu pé, era bola na rede. Provocava beques o tempo todo. Gozava todo mundo. Os beques ficavam uma fera, vinham para me quebrar. Aí eu tirava o corpo fora e fazia festa no terreiro deles.

— Um dia te quebraram e você virou isso.

— Pegaram o meu tornozelo de jeito. Vieram por trás. Só senti a dor e nada mais. Acordei no hospital. Gessado e cheio de dores. Tentei voltar, não deu. Fui para o interior, jogava duas partidas e a dor voltava. O tornozelo sempre inchado. Até hoje não desinchou. Fui perdendo o pique. Perdi a motivação.

— A motivação, dinheiro, a mulher, a casa. Agora é só cachaça.

— Não me fale nestas coisas que a perna dói.

— Só a perna?

— Dói tudo. Me dá mais uma cachaça.

— Não esqueça do serviço. Vai lavar o bar.

— Lavo até sua mãe.

MULHER DE VESTIDO:

— "Eletricidade". Eis a palavra. Este louco sem barba mexe com minhas lembranças. Ele até parece com Guto. "Você é minha eletricidade". Estas palavras são de Guto. Lembra? Já te contei ou não te contei.

MULHER DE ÓCULOS:

— Recuso ouvir histórias de Guto.

— "Você é minha eletricidade". As palavras vão e voltam. Fui lá na casa dele para terminar tudo. Não queria mais me envolver com ele. Eu não o entendia. Ainda não o entendo. E acho que nunca vou entendê-lo.

— Muito doido.

Digitalizado com CamScanner

— Santa loucura.

— As mulheres continuam idiotas.

— Não esqueço as palavras de Guto sobre a morte: "A morte em sua boca é coisa bonita". Dá até vontade de morrer.

— Tudo palavra.

— Fui lá naquele dia para terminar tudo. E terminei, de novo, começando tudo.

— Sei. Sofri muito.

— Sofreu nada. Quem sofreu e sofre sou eu.

— Guto é um safado. Gosta de impressionar as mulheres.

— Naquele dia cheguei a agredi-lo. Ele nem ligou. Continuou falando como se nada estivesse acontecendo. Estava fora de si, movido por uma estranha força. Levitava.

— Um demônio.

— Quero ser o inferno dele.

HOMEM DE GRAVATA pede cerveja e uísque. HOMEM CALVO, vodca. Porcão fala que vai fechar. Os homens dizem ser a saideira. O homem de gravata vira de vez o uísque. O homem calvo beberica a vodca. O homem de gravata pede mais uísque, Porcão fala que vai fechar. O homem fala que é a última vez. Porcão serve com má vontade.

HOMEM DE GRAVATA:

— Este amor está me matando.

HOMEM CALVO:

— Tudo igual.

— Nada é igual. Todo amor tem sua fome e sede. O meu me mata de sede e de fome.

— Os casos de amor são iguais. Nada muda. Basta abrir o jornal: "Amante mata mulher que estava transando com o marido". "Mãe mata homem que causou danos à filha". "Menino apaixona pela vizinha e dá um tiro no peito". Tudo igual. Há mil anos que as histórias de amor se repetem.

Há mais Romeus e Julietas no planeta do que pobre. Labão queria Rachel e Jacó lhe deu Lia. Ou o contrário?

Digitalizado com CamScanner

— Cada caso é um caso. O resto é teoria. Poesia. Psicanálise. Perversão. Taradice. Nada é igual. A minha mulher não é igual a nenhuma.

— Tudo igual. As páginas de jornal não mentem. Uns dão tiros no peito. Outros preferem matar o amor que existe no outro. Outros são mais cômodos e se matam.

— Basta pegar um revólver e dar uns tiros e o amor está resolvido. Pego um revólver e PUM PUM PUM e resolvo meu caso. Fácil. Muito fácil. Um tiro e pronto.

HOMEM CALVO:

— Amor é isso. Depois vira notícia de jornal.

HOMEM DE GRAVATA:

— Não me goze.

— Falo de cadeira. Já passei por isso e não morri. Estou inteiro e pronto para outra.

— Já sei como você resolveu o seu caso. Você deixou que ela fosse embora e deu um tiro na memória. Acertei na mosca ou não acertei?

— Errou o alvo. Ninguém foi embora. E o pior é que continuamos morando na mesma cidade. Ela tem endereço e nome.

— Pensei que morasse em Governador Valadares e tivesse uma Tia Emília.

— Tem muitas tias, mas nenhuma se chama Emília. E não foi preciso fugir para Valadares.

— Tintin (brindam). "Os desiludidos de amor estão desfechando tiros no peito".

— Bandeira?

— Drummond.

MULHER DO HORÓSCOPO:

"Se Nicodemus não é ardente como os nativos do signo do fogo, é dedicado, fiel. Sua sensualidade é natural e discreta. Hoje Vênus, o planeta das rupturas e inovações, pode trazer um impasse em suas relações amorosas."

Melhor não encontrar Nico. Também espero Cornélio e não fica bem pensar em outro. Confesso que quero os dois.

— Ponho a boca ali e faço glute, glute. (POETA SEM BARBA)

Digitalizado com CamScanner

— Róseo. De um rosado e inocente e maternal. (POETA DE BARBA)

— Do tamanho ideal. Tamanho taça. Cabe direitinho na boca. Delicioso. Um vinho. (HOMEM CALVO)

— Igual. Tudo igual. Não há diferença. Lembra o da minha mulher. Um pouco menor, pouca coisa. (HOMEM DE GRAVATA)

— Pequeno demais. Gosto dos grandões. Vaca leiteira. Esbanjando saúde. (PORCÃO)

— Chupo até o fim. (CRIOULO)

— Lindo! (MULHER DE VESTIDO)

— Pouca vergonha! (MULHER DE ÓCULOS)

— Deve ser de libra. (MULHER DO HORÓSCOPO)

A LOURA OXIGENADA de blusa aberta expõe os seios. O RAPAZ suga o peito direito enquanto faz carícias no esquerdo.

Enquanto o BAR & CAFÉ SÃO JORGE se delicia com os seios da LOURA, o RAPAZ muda de estratégia e pinga algumas gotas de Liebfraumilch (Safra de 48) no mamilo esquerdo e o degusta em seguida.

CRIOULO lambe os beiços. MULHER DE ÓCULOS morde os lábios. "Fecho agora", fala o Porcão.

MULHER DO HORÓSCOPO:

"Nicodemus me prometeu mostrar a Alfa de Centauro. Esta estrela é vista a olho nu. Vou colocar uma roupa quentinha. As montanhas de Nova Lima são frias e as noites cada vez mais geladas. Alfa de Centauro fica na Constelação de Escorpião. Sou escorpião, acho que Nicodemus não sabe disso. Ou sabe? Não importa. O que importa é que estarei a seu lado a noite inteira."

MULHER DE ÓCULOS:

— AMO Guto. Está surpresa? Eu o amo às avessas. Eu o odeio por inteiro. (Bebeu o que restava de sua caipirinha)

MULHER DE VESTIDO:

— Nada mais me surpreende.

Digitalizado com CamScanner

— Ele tirou você de mim.
— Sou livre. Não sou propriedade de ninguém.
— Sempre indiferente a tudo. No mundo da lua. Pensando, pensando, desperdiçando a vida.
— O Guto?
— Você.

HOMEM DE GRAVATA com voz embargada de uísque e cerveja derruba o copo de vodca do HOMEM CALVO. Enquanto Porcão não aparece com o pano, o HOMEM DE GRAVATA quer saber do HOMEM CALVO a sua história:

HOMEM DE GRAVATA:
— E ela, como é ela. Onde anda?
HOMEM CALVO:
— Está por aí.
— Vamos, homem, conte logo, estou curioso. Você contando a sua história fico aliviado com a minha.
— Um veneno curando outro veneno.
— É casada, amigada? Tem namorado?
— Deve ser casada. Mas isto não interessa. Durou uma noite. Foi bom. Foi ótimo.
— E daí? Desembucha. Uma noite só?
— Uma noite só.
— Me conta, homem, me conta.
— Fui lá no pretexto de buscar qualquer coisa.
— Então havia qualquer coisa antes?
— Claro. Essas coisas não precisam ser explicitadas. A gente sabe, basta olhar nos olhos.
— Olhar nos olhos? Pra você tudo é fácil. Basta olhar nos olhos.
— Fui lá. Na verdade, não interessava o que iria buscar. Queria vê-la.
— Só isso?
— Você sabe como é. Queria estar perto dela. Mas temia que alguém aparecesse.
— Temia e foi.
— Até você iria. O filho estava dormindo.
— Um filho? Ela tinha um filho?
— Um filho de dez anos que dormia um sono solto.

Digitalizado com CamScanner

— E o marido? Digo, o companheiro?

— Ninguém apareceu, graças a Deus.

— Não mete Deus nesta história.

— Ela ficou feliz quando me viu. E falou: "Você por aqui, vamos entrar". "É tarde", respondi. Acabei entrando. O apartamento era antigo. Havia plantas e pássaros. O coração batia forte. Estava ressabiado. Com um medo de fazer inveja a Hitchcock. Meu sexto-sentido estava atento. As antenas ligadas.

— Pensei que só as mulheres tinham o sexto-sentido. A minha mulher vivia falando no seu sexto-sentido.

— Estava com um medo medonho.

— E o sexto-sentido?

— Pânico. Com a alma na garganta. Ela notou minha tensão e me tranqüilizou dizendo que fulano viajou e me serviu cerveja. Foi a melhor cerveja de toda a minha vida.

— Beberam cerveja e daí?

— E daí ficamos num corpo a corpo.

— Ou copo a copo?

— Num corpo a corpo. Homem e mulher, mulher e homem escutando o silêncio e preparando as espadas e bainhas. A cerveja descia límpida e bonita. Tudo era tranqüilidade. Mulher e homem olhando nos olhos. No dentro dos olhos.

— No dentro dos olhos, cerveja, tranqüilidade, amor, é isso? Você bebendo a cerveja e o corpo da mulher, acertei de novo?

— Só a cerveja, errou de novo.

— Sei.

MULHER DO HORÓSCOPO:

"O horóscopo de Augusto diz que Urano rege seu dia. E que sua saúde carece de atenção. O amor passa por uma fase de consolidação. Nos negócios, haverá segurança. Poderá concluir contratos e assinar documentos. A influência de Urano possibilitará viagens. No trato íntimo, seu dia poderá trazer-lhe surpresas com pessoa amiga."

Digitalizado com CamScanner

Será que Augusto tem amigos e amigas? Ele é tão correto. Tão dia a dia. Tão maridão.

"Toda noite tenho um mesmo sonho" (falou a MULHER DE ÓCULOS pousando com suavidade a mão direita nos braços da MULHER DE VESTIDO). "Sonho que sou uma mulher cotidiana, comum. Dessas medrosas, limitadas. Dessas que têm medo de sexo. Da palavra sexo. Mas aos poucos essa mulher, que sou eu, vai se libertando e começa a questionar a vida e o sexo. Essa mulher pundonorosa (que palavra horrível) começa a escrever e falar pequenas obscenidades. É um exercício de libertação. Embora tímido, mas funcionou. Essa mulher começa a domar as palavras. Começa a não temer as palavras e se abre para o mundo." (Toca os invisíveis pêlos do braço esquerdo da MULHER DE VESTIDO). "E quando ela se sente dona de seu mundo aparece um homem. Mas esse homem não tem rosto. Às vezes esse homem parece um animal. Outras vezes age como se fosse uma mulher. As mãos são macias e os dedos finos. Chega à tardinha, escurecendo, na hora do lobo. E esse homem ou animal tira minhas roupas e me devora de modo violento. E começo a lutar contra a sua fúria. Depois canso. Ele me penetra, me chama de "gostosa", de "putinha" e outras sujeiras. E quanto mais palavrão fala, mais me entrego, relaxo, excito e a doação é total. (MULHER DE VESTIDO retira as mãos da MULHER DE ÓCULOS de seu braço). Neste momento, ou seja, no exato instante do orgasmo, aparece um rosto na coisa. Um rosto conhecido."

MULHER DE VESTIDO:

— Sei. É o rosto de Guto.

MULHER DE ÓCULOS:

— Não é Guto. É o seu rosto.

POETA SEM BARBA cambaleia. POETA DE BARBA está taciturno e de olhos fechados. Não percebe a embriaguês do POETA SEM BARBA. O bar, já bêbado, torna-se neblinoso. O POETA SEM BARBA tenta trepar na mesa, não consegue. A mesa torna-se uma montanha de difícil escalada. Despreza a mesa. Fala em pé, encostado na parede:

Digitalizado com CamScanner

"A TRINCHEIRA É ESTE BAR. A VIDA É ESTE BAR. O SOL ESTÁ DENTRO DE MEU CORAÇÃO E ME ILUMINA, COMO ILUMINOU MAIAKOVSKI QUANDO ACENDEU A LUZ DO CORAÇÃO COM UM TIRO DE REVÓLVER 45"

A LOURA OXIGENADA não pergunta quem era Maiakovski oferece o umbigo para o RAPAZ que passeia a língua em suas coxas. POETA SEM BARBA alheio a tudo, continua:

"ESTOU ENTRE A LUCIDEZ E O SONHO. ENTRE A REALIDADE E A UTOPIA. ME EMBRIAGO DE HUMANIDADE. O PIOR DA EMBRIAGUEZ É A SENSAÇÃO DE LUCIDEZ QUE VEM COM A BOCA AMARGA E A FALTA DE SENTIDO PARA AS COISAS. TUDO É INÚTIL, NÃO HÁ NENHUMA BARATA PARA ME APLAUDIR. NENHUMA CIGARRA PARA ESPANTAR A MINHA SOLIDÃO".

Erra a boca e derrama cerveja no pescoço.

MULHER DO HORÓSCOPO:

"O número do destino de Augusto é o 9. A cor de sorte de Augusto é preto ou branco.

O número do destino de Cornélio é o 1 e a cor é a vermelha.

Já Nicodemus tem no 4 o seu número de destino e no verde sua cor de sorte."

Não quero aprofundar na teoria dos números. São perigosos e podem revelar minha transparência. São secos, frios.

MULHER DE VESTIDO:

— Você estragou tudo. Não há mais nada para dizer.

MULHER DE ÓCULOS:

— Deixe-me, ao menos, tentar.

— Você passou do limite.

— Não me deixe só. Já não tenho segredos.

— Estou atrasada. Adeus. Seja feliz. Guto me espera. (sai sem olhar para trás).

Digitalizado com CamScanner

MULHER DE ÓCULOS sai à procura da noite pensando na Mulher de Vestido.

HOMEM DE GRAVATA está só. HOMEM CALVO alega compromisso. Uma festa de aniversário. Deixa o eventual amigo e confidente diante de uma nova dose de uísque que o Porcão afirma ser a última. A palavra é uma necessidade. Fala de sua mesa para o CRIOULO que entorna goela abaixo mais um rabo de galo:

"ELA foi embora, ô cara, entendeu? Ela foi embora. Olhe aqui as chaves. Não deixou nada. Eu sabia que isto ia acontecer. Mas não queria que acontecesse. Está entendendo, ô cara? Mais uma pinga? Tem importância não, eu pago. Olhe aqui. Dinheiro não falta. Dá prá comprar o bar todo. O bar todo, viu, cara?"

O HOMEM DE GRAVATA sai noite a dentro.

MULHER DO HORÓSCOPO:

"Meu signo me diz que preciso viver paixões violentas e extremamente ardentes, no entanto, estou só. Cornélio ainda não veio. Acho que não virá. O bar está ficando vazio. Será que estou sonhando? Este bar parece um navio à deriva. Tudo é oscilação. Os ladrilhos das paredes embaraçam meus olhos. Já é tarde. Sinto falta de ar. O elemento de meu signo é a água. Preciso da terra para fixar minha fluidez. Ninguém virá, bem que meu horóscopo dizia que hoje o meu astral estava baixo. Vou dar um retoque no cabelo, passar batom e me mandar. Mas onde está o espelho, acho que deixei na outra bolsa. Olha o que eu encontro? O poema que Augusto fez para mim quando comemorávamos o nosso aniversário. Espera, é hoje o nosso aniversário, já estava me esquecendo, preciso ir, estou atrasada. Leio, de novo o poema, e vou.

SEI QUE OS SIGNOS MENTEM
SEI TAMBÉM DA DISTÂNCIA QUE NOS ENVOLVE
SEI, POR EXEMPLO, QUE O CORAÇÃO É BARCO, UMA AVE

Digitalizado com CamScanner

NAVE SEM ROTEIRO OU BÚSSOLA
SEI DA NOITE E DE SUA DURAÇÃO NOS OLHOS
DAS LUAS QUE SE OFERECEM CLARAS
E DE SEU CORPO QUE É ESPERA
ESPERANÇA".

E mergulha na tarde/noite guiada pelos deuses.

A LOURA, já sem blusa, se contorce no corpo cabeludo do rapaz. Porcão boceja e olha o relógio. O Crioulo fareja os seios da Loura e joga cachaça para o santo. POETA DE BARBA sentado de olhos fechados. POETA SEM BARBA encostado na parede, de olhos abertos, vidrados.

PORCÃO sabe que o "show" está no fim. Resta-lhe arrumar as coisas. Ele não, o CRIOULO.

Ofegantes e náufragos — RAPAZ E LOURA — num só corpo, arrastam-se até a porta. A noite é veludo e o amor tatuagem. Carecem de afogar o corpo no fundo mais fundo de alguma cama.

GUTO, amigo dos poetas, chega com uma braçada de flores.

— São pra Guta. Hoje é o dia de seu aniversário e do meu também. Resolvemos nascer no mesmo dia. Estou atrasado. Espero por vocês. Não faltem.

Invisíveis, os poetas não respondem. A realidade do bar está algumas doses acima do nível do mar. Acima de qualquer indício humano.

UM RATO, melhor, uma RATAZANA aparece perto do balcão. O POETA SEM BARBA fecha um olho para ver melhor. A ratazana é enorme, tem rabo comprido e escuro. Olha para o balcão. Fareja o ar. A aragem nauseabunda tem aroma agradável. A ratazana bebe e come o ar.

PORCÃO boceja, arrota. CRIOULO verte a cachaça no mictório.

Digitalizado com CamScanner

— Há um rato neste bar que ameaça nossa solidão, falou o POETA SEM BARBA cutucando o POETA DE BARBA.

— Há sempre um rato ameaçando nossa solidão, repete o POETA DE BARBA.

— Os ratos são capazes de tudo.

— Os ratos roem até nossa solidão.

— Nossa solidão e ressaca.

— Nossa solidão e lucidez.

A RATAZANA nota a presença dos poetas. Não recua. Fareja de novo o ambiente. Além do ar pesado e nauseabundo há ranço de paixão, fragmentos de humanidades e a difícil articulação da palavra. Fica na ponta das patas, tentando comer um pedaço de pastel que está em cima de um banquinho. O banco cai. A ratazana foge.

PORCÃO passa a mão no rosto. Boceja. Ignorando a presença da ratazana e dos poetas resmunga: "É o fim da festa", grita: "A FESTA ACABOU" e apaga a luz.

PRIMEIRO TRAJETO DE AUGUSTO

Augusto com flores nas mãos e palavras por todo o corpo, faz o trajeto do Bar & Café São Jorge até sua casa, a pé. Flores nas mãos e palavras na cabeça, Augusto, que poderia se chamar Nicodemus ou Cornélio, caminha ao encontro dele mesmo. Conversa, apesar das flores e das palavras, com seu espelho e com uma invisível Guta:

— Te espero há tempos naquele bar, falou Augusto com voz de neblina.

— Estive lá o tempo todo. Me confundi com os outros. Eram tantos, falou Augusta com voz de ausente.

— Estamos atrasados. A festa vai começar. Os meninos estão impacientes — retomou Augusto com voz firme.

— Um dia tudo isso acabará. E não festejaremos mais nada, fala Guta com voz no vento.

— Chegará o dia em que os pés não mais pisarão, e a voz não reconhecerá o seu eco, Augusto com voz soturna.

— Vamos. Temos que andar depressa. A festa vai começar, Guta com voz animada.

Digitalizado com CamScanner

— Um dia não precisaremos nos apressar. Não haverá festas, Não haverá nada, Augusto com voz triste.

— Ficaremos sós. Nem os netos virão. O tempo passará. Há tempo para tudo. Até para ficarmos alheios.

— É a felicidade total.

— Não gosto disso. Gosto de gente. Se isto acontecer de verdade convoco o meu pessoal do Bar e Café S. Jorge, Guta tentando melhorar a situação.

— Virão os fantasmas da turma — Augusto rindo.

— A LOURA OXIGENADA virá acompanhada de uma bengala e de um menino de brinco — Guta com ironia.

— A MULHER DO HORÓSCOPO trará na bolsa uma bola de cristal para o CRIOULO — Guta adivinhando o riso na boca de Augusto.

— Os POETAS trarão o glute e o glot. As palavras ficaram ilhadas num mar de cervejas e bicarbonatos, foi a vez de Augusto destilar a verve.

— PORCÃO brindará a todos com um imenso bocejo. Com um bocejo de fazer inveja a qualquer hipopótamo — Guta continua alegre.

— Ah, Guta, depois subirei os degraus da casa e apagarei as lâmpadas do quarto e da memória.

— Sei, Augusto, sei. Apagará as lâmpadas do quarto e da memória e estarei tão velha que não suspeitarei de nada.

Augusto olha o relógio. É preciso correr. O aniversário vai começar. Guta se perde na primeira esquina e o espelho quebra.

Augusto caminha para a festa, embora seus olhos estejam no bar. Augusto sabe que o bar é um cais sonâmbulo onde ancoramos nossos sonhos, projetos, nossa vida. Não olha para trás. No bar tudo é possível. Até o amor. A festa vai começar. E começará mesmo que não haja ninguém. Augusto sabe que o homem é a soma dos outros, por isso é impossível o alheamento e o sol da solidão.

Augusto não está só. Nunca estará só. Os desastres e as misérias dos outros são desastres e misérias dele. Augusto somos nós. A festa vai começar e é preciso pressa. Vida é festa cotidiana.

BIBLIOTECA UESPI
REGISTRO: 022495
DATA: 23/08/23

Digitalizado com CamScanner

2ª PARTE
AS HISTÓRIAS DE:

HISTÓRIA DO HOMEM DE GRAVATA
(sexto sentido)

SEXTO SENTIDO

I

O homem procurou no primeiro andar. Ninguém. No andar de cima, ninguém. No terreiro, ninguém. Foi ao quarto de dormir: a cama desfeita e o contorno do corpo ausente nos lençóis. Na parede, uma moldura sem quadro e na penteadeira seu retrato virado. Procurou nas gavetas algum bilhete. Nada. O vazio da casa invadiu seu corpo. Desceu ao primeiro andar. Nos cinzeiros, os cigarros da noite, no copo um resto de uísque e de novo a ausência da mulher. Lembrou-se do espelho no banheiro social, quem sabe uma frase escrita a batom, apaixonada e contundente: "Não me procure porque te amo". Ela não faria isto, desistiu da empresa. "E o que fazer com a casa? Vender, alugar, deixar fechada? E os móveis?

Digitalizado com CamScanner

As roupas da mulher? Qual era o preço daquele desamor?" Na mesa da sala, a garrafa de uísque pela metade. Chegou a colocar no copo uma dose. "Melhor não embriagar", pensou. "A dor seria maior depois", concluiu. Solteiro novamente, melhor, viúvo. Riu um riso triste. Seu mundo era uma casa vazia e a solidão fazia ruído no coração.

II

Não quis mexer em nada. A cama ficaria desfeita, os cinzeiros cheios, a cozinha para lavar. Queria deixar um pouco de seu cheiro, de seu rastro de sua presença. Pensou em deixar bilhetes escritos pela casa, recados no espelho. "Melhor o silêncio", ponderou. Antes de fechar a porta bebeu do uísque, acendeu o cigarro e quis chorar. Reteve as lágrimas. Depois do portão: a liberdade. E liberdade era uma esquina, um táxi e uma passagem para qualquer lugar. Enquanto a fumaça do cigarro invadia a sala, a solidão fazia ruído no coração. Solteira novamente, melhor, viúva.

III

O primeiro encontro foi casual, diria eterno, se não fosse a casa vazia e a cama desfeita. Foi no BAR E CAFÉ SÃO JORGE. Entrou para comprar cigarro. Guto, amigo de outros tempos, pediu que ficasse. Ficou. A mulher estava no lado oposto da mesa — de olhos famintos e magros — insaciáveis. A cerveja, a música, a dança, o beijo. Nenhuma palavra. Olhos e corpos entendiam. Não carecia de explicação aquele amor.

IV

"Ele não disse nada. Estávamos no SÃO JORGE, em turma. A cerveja, a música. Cantávamos junto com

Digitalizado com CamScanner

Nara, Chico, Caetano, Jobim. Ele num canto, me olhava. Sabia daqueles olhos. Serpentes. Era a primeira vez que vinha ao bar e sentava em nossa mesa. Nenhuma palavra. A dança, o beijo. Os corpos se entenderam."

V

"Fechar a porta. Jogar as chaves fora e deixar que o tempo consuma aquela casa e amor", refletiu com raiva o homem. "Amor é pedra de lapidação difícil e lenta. Garimpagem de dias, anos, a vida toda. Aquela mulher era pedrinha de alegria, não se achava em qualquer felicidade".

VI

"Fechar a porta. Abrir o portão, abrir os olhos e o peito e partir", decidiu a mulher. "Saudades. Sim, saudades. Aquele homem de poucas palavras era tatuagem. Difícil outro amor. Difícil esbarrar em outra felicidade."

VII

"Continue calado e venha. Gosto de seu silêncio e de seu corpo. Acostumei-me com a ausência de palavras. Nós nos bastamos". Ela dizia. "Não precisamos da casa e destas coisas todas, só de você", ela dizia. Falávamos poucas palavras, conversávamos muito nos olhos.

VIII

"Há coisas que não se explicam. Há coisas que não se dizem", dizia ele. Daí a fragilidade de nossa

Digitalizado com CamScanner

relação. Ouvia aquilo sem muito entender. Não queria explicação. Tinha a casa, as coisas e ele. Ele bastava.

IX

Brincando, propus:

— Façamos um pacto.

— Gosto de desafios.

— Se alguém sentir que o amor foi embora, que vá junto.

— Topo.

Ela levou a sério. Deixei ficar.

X

Depois da brincadeira do pacto, ela ficou muda de vez. Achei que era mais uma bizarrice dela, embora não apagasse da boca o sorriso.

XI

Não sei a razão do pacto. Ele falava pouco e agora fala menos ainda, embora o sorriso permaneça em sua cara bonita.

XII

A mudez e a seriedade que duraram dias foram recompensadas com delícias do sexo. Nunca vi coisa igual. Esgotamos todas as reservas. Nos completamos de modo voraz. O mundo ia acabar no outro dia certamente e precisávamos daquela entrega definitiva.

Digitalizado com CamScanner

XIII

Restavam a noite e os corpos. Era preciso esgotar as reservas. Exigir dos corpos uma entrega total. O mundo ia acabar certamente no outro dia e a entrega deveria ser definitiva.

XIV

A noite ficou em mim. Toda em mim. Ela, a mulher, ficou em mim. Ficará sempre. Não preciso temer mais nada. Mais nada. Ela ficou e ficará em mim.

XV

Deixei-me ficar nele. Agora que imprimi na sua pele o meu cheiro, vou embora. Ele quer. Uma lembrança, apenas uma lembrança minha. Fui além. Fiquei nele para sempre. É hora de ir. O pacto foi claro. Não preciso temer mais nada. Mais nada.

XVI

Ela foi embora, ô cara. Entendeu? Ela foi embora. Olhe aqui as chaves. Não deixou nada. Eu sabia que isto ia acontecer. Claro que sabia que isto ia acontecer. Mas não queria que acontecesse. Está entendendo, ô cara? Mais uma cerveja? Tem importância não, eu pago. Olhe aqui. Dinheiro não falta. Dá pra comprar o bar todo. O bar todo, viu cara.

XVII

Se ele não tivesse feito aquele trato acho que estávamos juntos até hoje. A senhora sabe, nós mulheres

Digitalizado com CamScanner

temos um sexto sentido. Sabemos quando os homens perdem o interesse por nós. Embora não notasse diferença nenhuma no nosso relacionamento. Até melhorou depois daquela conversa, confesso. Mas aquele trato me deixou encabulada. Ele não é de falar e me vem com um pacto? Estou certa ou não estou, Tia Emília? Fiquei encabulada. E como não gosto de perder, saí primeiro. Tenho desconfiômetro e um sexto sentido apurado. Pensei. "Ele arrumou outra. Só fez o trato porque é homem educado e não quer me magoar". Gosto dele. Gosto muito dele.

Digitalizado com CamScanner

A HISTÓRIA DO HOMEM CALVO
(corpo a corpo)

CORPO A CORPO

I

O homem bateu a campainha e esperou. A portinhola foi aberta e a mulher se surpreendeu.

— É você?

Ela abriu a porta e o homem entrou meio ressabiado. A sala era uma sala: móveis, poltronas, mesa, almofadas. Os olhos do homem se prolongaram: estante, radiola, uma gravura de Gauguin, duas de Portiari, um poster abstrato e brinquedos espalhados no chão.

— Vim buscar o mapa.

— Espere aí, que vou buscá-lo.

O homem observou os cômodos. Havia portas. 3 portas — os quartos e um corredor. Uma outra porta: o banheiro.

— Olha aqui. Ele é meio complicado. Tenho que te explicar.

Digitalizado com CamScanner

— Precisa não.

— Fique à vontade.

— Viajo amanhã.

— Amanhã é outro dia. Tem tempo. Você ainda não conhece a casa.

— Está bem.

O homem acompanhou a mulher. Medindo os passos e as palavras.

— Olhe essas gaiolas. Meu marido adora passarinhos. E sou eu quem cuida deles.

— Passarinho dá amolação.

— As plantas também são do meu marido, mas quem cuida sou eu.

— Pra planta é preciso tempo.

— A gente toma amor e depois não consegue viver longe delas.

— Tenho medo de me apaixonar. Por isso guardo distância.

A mulher riu. O homem também riu.

— Quer beber uma cerveja?

— Já é tarde. Amanhã viajo. Vou estudar o mapa.

— Meu marido viajou. E o menino dorme.

— Viajou?

— É, só volta amanhã.

— Só amanhã?

— De tarde.

O homem provou o primeiro gole com calma. A mulher observava seus movimentos.

— Só amanhã?

— Não acredita?

O homem acendeu um cigarro. A mulher outro. O homem olhou nos olhos da mulher. A mulher mergulhou nos olhos do homem. Sentaram-se. O homem falou da viagem. A mulher recomendou prudência.

— Estou gostando daqui, vou ficar.

— Então, fica.

O homem sorriu. A mulher murmurou.

— Quer que te explique o mapa?

— Ainda não.

A mão do homem foi de encontro ao rosto da mulher. Ela ficou passiva. A mão do homem acariciou as orelhas da mulher. Ela tremeu. A boca do homem foi

Digitalizado com CamScanner

de encontro à boca da mulher, foi engolida. Se enovelaram. Ficaram de pé. Corpo a corpo. Brilhando, os olhos. O homem tentou desabotoar a blusa da mulher.

— Ainda não!

II

A mulher acabara de colocar o menina na cama, quando a campainha tocou:

— É você? — falou num misto de surpresa e contentamento.

Abriu a porta e o beijou no rosto. O homem permaneceu ainda alguns segundos observando o ambiente. Seus olhos pareciam perdidos. A mulher tossiu, despertando o homem:

— Vim buscar o mapa — falou o homem tentando justificar a sua presença.

— Espere aí, que vou buscá-lo.

A mulher demorou mais que os olhos do homem. Queria minar sua resistência. Ele parecia um animal acuado, medroso. A mulher novamente:

— Olha aqui. Ele é meio complicado. Tenho que te explicar.

— Precisa não.

— Fique à vontade.

— Viajo amanhã.

— Amanhã é outro dia. Tem tempo. Você ainda não conhece a casa.

— Está bem.

O homem seguiu a mulher reticente. Ela queria aquele homem. Pensou: "bobo". Puxou conversa:

— Olhe essas gaiolas. Meu marido adora passarinhos. E sou eu quem cuida deles.

— Passarinho dá amolação.

As respostas do homem eram secas. Mas havia inquietação nos gestos. Prosseguiu:

— As plantas também são do meu marido, mas quem cuida sou eu.

— Pra planta é preciso tempo.

— A gente toma amor e depois não consegue viver longe delas.

Digitalizado com CamScanner

— Tenho medo de me apaixonar. Por isso guardo distância — respondeu o homem rindo.

A mulher também riu. Mas o homem ainda se mostrava tenso. Teve uma idéia:

— Quer beber uma cerveja?

— Já é tarde. Amanhã viajo. Vou estudar o mapa.

A mulher balançou a cabeça desanimada. Queria que tomasse a iniciativa. "Bobo", pensou de novo e abriu o jogo:

— Meu marido viajou. E o menino dorme.

— Viajou? — os olhos do homem brilharam.

— É, só volta amanhã — encorajou mais o homem.

— Só amanhã?

— De tarde — reforçou a mulher.

O homem provou a cerveja com calma. Os gestos tornaram-se leves.

— Só amanhã?

— Não acredita?

O homem acendeu um cigarro. A mulher outro. Ela olhou com ternura o homem. E sentiu os olhos dele dentro dos seus. Sentaram-se. O homem falou da viagem. A mulher, companheira, recomendou prudência.

— Estou gostando daqui, vou ficar.

— Então, fica.

O homem sorriu. A mulher não tinha mais pressa. Lembrou-se do mapa:

— Quer que eu te explique o mapa?

— Ainda não.

A mulher ficou passiva quando o homem acariciou seu rosto, suas orelhas. Tremeu quando foi beijada. As mãos não pararam, tateando os corpos. Se enovelaram na descoberta do outro. Ficaram de pé. Corpo a corpo. Os olhos no brilho do outro. As mãos deslizando nos pêlos, avançando milímetro a milímetro, quando sentiu a mão do homem tentando desabotoar sua blusa.

— Ainda não!

III

— Preciso explicar algo — o homem beijou os olhos da mulher:

Digitalizado com CamScanner

— Meu marido e eu... — o homem nos olhos da mulher.

— Nós... — os cabelos da mulher, nas mãos do homem.

— Isto é, eu... — o homem alojando nos seios da mulher.

— Pára, gritou a mulher, empurrando o homem — não. Não, não é isso, tentou consertar a mulher. É que...

— Sei.

IV

Homem e mulher imobilizados pelo poder de silêncio e abismo, reolharam. Entreolharam. Desafiaram a carne. Sorveram as raízes e mergulharam no escuro.

Digitalizado com CamScanner

HISTÓRIA DA LOURA OXIGENADA e do RAPAZ DE BRINCO (no fundo mais fundo de uma cama)

No fundo mais fundo

No fundo mais fundo de uma cama, loura oxigenada, 29, começa a tirar a maquiagem. Pacientemente lava o rosto. Depois com auxílio de um algodão remove toneladas de pó e creme. A operação dura muitos minutos. Retira, depois, as jóias: brincos fantasia, anéis de mentira e pulseiras de plástico. Toma um banho. Branca. Muito branca. É a própria transparência da água.

No fundo mais fundo de uma cama, rapaz de olhos castanhos, cabelos grandes, cara de menino rola, inquieto na cama. Seu pesadelo se chama Vandinha. Loura, 15, vestido curtíssimo, seios mínimos e fita no cabelo. É virgem e o sexo um comichão no corpo. Vandinha rola inquieta no sonho do rapaz. Está perdida naquela cama de relva e pesadelo.

A loura debaixo do chuveiro passeia o sabão no corpo tentando recuperar a sensualidade deixada no

Digitalizado com CamScanner

Bar & Café São Jorge. O ritual da água e do sabão é apenas uma antecipação do luxo e do sexo que irá se consumar no corpo adolescente do rapaz, que usa medalha no peito, brinco na orelha e sonha com Vandinha.

A cama do rapaz se amacia com a presença da menina loura que é sonho e carne. O rapaz não se contenta apenas em beijar aquele corpo. Quer amadurecê-lo de vez e usa toda a ciência aprendida no Bar & Café São Jorge. Despeja vinho no corpo juvenil e com a ponta da língua desperta cada poro, eriça cada pêlo, ativa cada buraco. Vandinha, a menina, está à sua mercê. A respiração é rápida, o coração acelera, o corpo crepita. Num compasso binário, os corpos se afogam.

Náufragos, para sempre náufragos naquela cama de caber a fundura do coração.

Os pêlos púberes da menina crepitam. Nada igual. O rapaz cavalga seu dorso. O amor belisca, morde, arranha, grita. Amor não deixa sinal. É cicatriz invisível que se disfarça na pele. É felicidade que dói, mas dói de doer gostoso. E caça e caçador se misturam. Não há vencedor nem vencido. O que há é a consumação no traspassar de espadas, no correr dos punhais e na identificação dos corpos: únicos e indivisíveis.

O sexo é sonho real, a loura fala para as paredes e para o ar, o rapaz dorme, é sonâmbulo da carne.

"O sexo é sonho real", pensou a loura que se ajeitava dentro do corpo do rapaz. "O resto é ginástica, expressão corporal, catecismo", pensou de novo a loura. Finalmente mulher completa, atingira a hora do sétimo anjo no corpo ainda adolescente do rapaz que parecia sonhar. Livre, solta, mergulha no fundo mais fundo da cama de relva, sonho e campina.

Digitalizado com CamScanner

HISTÓRIA DA MOÇA DE ÓCULOS (a hora da loba)

A HORA DA LOBA

Minha história deveria ficar sepultada. Presa. Sem alarde. No exercício da solidão. As palavras são meu corpo, minha voz que teima ser clara e que muitas vezes foi rouca. Por que se despir diante de uma folha de papel? Se torturar, se o branco é puro e a folha não incita ao desmascaramento. Por que a história não pode permanecer muda? A história existe e ela me chega nos sonhos, até mesmo nos olhos abertos. É sempre a mesma história. E esta história é meu estigma. É uma história de mulher que se contorce na cama e que faz café de manhã e arruma casa. De uma mulher comum, dessas que gravitam sem importância, girando pelos mares e mapas do mundo. E por que não se soltar e contar? Por que represar o amor, se ele se debate nos subterrâneos da carne? Amor é amor. É cheiro. É pele. Então, eu vou contar, então, eu vou me contar, ou melhor, vou tentar. Lidar com palavras não é o mesmo que cantar no banheiro. Palavra não é sabonete que a gente compra todo dia. Palavra tem corpo e sangue. É como o uivo do lobo que

Digitalizado com CamScanner

se escuta à noitinha. No crepúsculo. Na travessia. Quando ele chega. Melhor ela chega. Palavra é víscera inconformada. E a única maneira de satisfazê-la, ou de vingá-la, é dar-lhe corpo e despojá-la de seu segredo. E vou mostrar cada palavra na sua nudez. Como se tirasse a roupa. Imaginando um homem presente, ou na presença de um homem ou mesmo de uma mulher. Daquele homem sem rosto que aparece quando as cores da tarde se misturam e passa as mãos pelo meu corpo, eriçando as pontas do seio, os pêlos do ventre. Assim será essa história. E sei também que o homem, aquele homem ou mulher, me odiará mais ainda, se um dia chegar a ler estas palavras ou ouvir de mim essa história. Por isso tenho que me organizar. Me situar primeiro no mundo. Tentar o cosmo. Porque o amor não é pacífico, é guerreiro. E sou frágil. E temo. E quanto mais me resistir, me preparar, mais ao homem sem rosto terei. E é preciso dominá-lo. Como é preciso dominar as palavras. Me libertar delas. Poder dizê-las de peito aberto. Sem corar. Há palavras que não se dizem. Se escrevem nos muros, nos banheiros. E preciso delas. De sua concretização verbal. E quando possuí-las, aí sim, serei dona do mundo. De mim. Daquele homem sem rosto que chega à hora do lobo. E nesta hora me sinto fêmea e macho. Minha fortaleza se desfaz, desmorona. E o desejo corre meu corpo e me perco. Faço tudo. E aquele homem aparece na hora de costume. Eu sou toda dádiva. Hóstia. Mel. Os seus olhos famintos percorrem meu corpo. Devorando-me. O homem me fala alguma coisa. Não vejo seu rosto. A voz é familiar. O homem avança sobre mim, sem me dar chance de defesa. Quer me despir devagar, lentamente, como nos pensamentos, filmes, novelas. Sou presa sem saída. Animal enjaulado. Encurralada. Sinto seu hálito de cigarro em minha boca e seu corpo comprimindo meu ventre. Suspiro. Tento afastá-lo com minhas mãos, mas meu gesto é tímido, não de recusa, mas de aceitação. As mãos macias do homem penetram meus seios. E posso sentir o coração disparado. E aquele homem ali. Sem rosto. No centro da sala, caminha sobre minhas verdades. Tento acordar. Não é sonho. E a língua do homem resvala em minhas orelhas de leve, quase uma carícia.

Digitalizado com CamScanner

Sinto-me humana. Minhas pupilas se dilatam, quando sua mão desce ventre abaixo. Jogo a cabeça para trás, quando a mão macia do homem sem rosto passeia sobre o mapa de minha vagina. Minhas mãos procuram seu corpo. Ainda retidas, sem ação. O homem sem rosto e de voz familiar sussurra no meu ouvido: "minha putinha, te adoro". Aquela "minha putinha" me torna mais forte. Sou mulher. Homem e lobo. É o homem sem rosto, de posse de sua vítima. Arfo como animal cansado. Me dispo. Estou nua. É como rasgar aquela carta que a gente guarda no fundo do cofre, depois de muito guardar. Estou tensa, explodindo. Há um rio correndo dentro de mim. Quero falar. Mas quero mesmo é ouvir, ele me chamar de puta, megera, de gostosa. Suas palavras são maçãs no escuro. Correm nos meus ouvidos como desejo. O mundo não é a feira semanal, nem os cochichos da vizinha, o mundo é aquele momento. Se morro naquela hora, não deixo nada aos outros, nenhuma tristeza, palavra escrita, ou impressões digitais, mas as pessoas saberiam de minha felicidade. E teriam inveja. Muita inveja de mim.

Estou deitada com as costas no chão. Nua. Com braços e pernas estendidas. Em cruz. Viajando montanhas azuis, brumas e estrelas. Recordo o pecado do primeiro beijo, as lições de religião, a história de Adão e Eva e a penitência: ajoelhada sobre grãos de milho, pedindo a proteção a Maria Madalena contra os pecados da carne. Me penitencio de tudo aquilo. Agora caminho em busca da hora do lobo para me confundir com o seu uivo. O homem entra dentro de mim, calado. O homem de palavras familiares, de mãos macias e sem rosto permanece em mim. A língua, a sua língua, antes doce e úmida, roça áspera e quente em meus lábios. Os olhos brilham intensamente, parecem vidros. O homem bafeja em mim. Está sedento. A língua seca. A respiração difícil. Os dedos finos são garras penetrando a carne. O veludo de sua mão passeia em minhas pernas. O hálito quente queima meus seios. Tenho medo. Interrompo a viagem. Coragem não tenho de abrir os olhos. Sonho. O homem me lambe os seios, depois o umbigo. Tento fechar as pernas. Ele adivinha meus pensamentos. Foi mais rápido. É um lobo, uma loba. A sua língua quente e

Digitalizado com CamScanner

áspera toca meu clitóris. Viaja no meu dentro. Abro os olhos. Não é sonho. É ela. A mulher que não sou, mas que desejo.

Digitalizado com CamScanner

HISTÓRIA DA MOÇA DE VESTIDO (você é minha eletricidade)

VOCÊ É MINHA ELETRICIDADE

Guto é um beberrão. Já me trocou por uma garrafa de cerveja, no Bar e Café S. Jorge, por um jogo de futebol, por um faroeste na TV. "Você é minha eletricidade". Esta frase de Guto me desmontou. Fui à casa dele pra dizer que estava tudo acabado, mas antes de falar qualquer coisa, ele me mostrou um poema e me beijou na boca. Quando quis falar qualquer coisa, ele colocou a mão em minha boca, abanou a cabeça e pediu silêncio. "Guto", falei, "eu quero". E ele respondeu: "Não fale nada, escute o silêncio, há mais sonoridade no silêncio do que no barulho das fábricas. Escute o silêncio e feche os olhos, o amor faz ruído em meu corpo" e me pediu para escutar o seu coração. "Você quando coloca o ouvido em meu peito, faz acelerar o coração, você é minha eletricidade". "Deixa de bobagem, Augusto. Já conheço suas jogadas. Eu vim aqui para..." "Cala", foi a vez de Guto interromper novamente a minha fala. "Estou bêbado com minha própria lucidez e vejo nos seus olhos

Digitalizado com CamScanner

estrelas cadentes, constelações, cometas". "Guto, pára com isso". Tentei de novo voltar à realidade. "O sistema solar e o mundo cósmico têm uma relação imediata com o ser humano e, por conseguinte, com o amor. Uma estrela cadente nada mais é que um relâmpago do coração. Quando uma estrela movimenta-se no céu, há alguém no exílio indo ao cais para ver lenços brancos acenando adeuses, ou alguém remetendo postais de cidades imaginárias. A estrela cadente é um corpo que a gente acha que cai, mas na verdade não cai, se perde no espaço e continua riscando o céu em outras direções". "Guto, eu vim aqui dizer..." "O amor não morre nunca. Mesmo quando alguém briga ou vai embora, as raízes ficam. Depois é só alimentar essas raízes. O amor pega de novo e cresce viçoso como espiga de milho. O amor é estrela cadente: está sempre em movimento". Tentei falar pacientemente. "Guto, me escuta por favor, eu vim aqui..." "Você sabe que somos matéria da mesma terra. Nosso esterco quem plantou não foram nossos pais ou nossos avós, foram aves que desgrudaram de corpos celestes e ao caírem na terra adquiriram formas humanas. Depois aperfeiçoaram seus corpos e nos deixaram andando eretos, enquanto eles, os pássaros que sabiam da leveza do ar, do azul do céu, do espaço aberto, do horizonte, retornaram sabiamente à forma inicial enquanto nós, durante milhões de anos, tentamos conseguir as asas da liberdade e só os poetas, os loucos, os vagabundos que conseguem, às vezes, atingir a plenitude do abismo, do vôo". "Augusto, eu vou embora", gritei alto, embora não me movesse de minha posição. Augusto parecia possuído. Santo. "No ventre da mãe, o homem, em sua forma primitiva, inaugural, adquire, com as mutações de seu corpo, a felicidade plena. E quando ele salta para a vida é como um barco à deriva que procura sua praia, seu porto. E quando achamos nossa praia e nosso porto nos libertamos para sempre. E readquirimos as asas e atravessamos a vida definitivamente.

Augusto estava sentado no chão, com as pernas cruzadas. Enquanto falava, a fumaça do incenso inundava o quarto. Guto discursava para uma platéia invisível, era como se eu não estivesse ali, continuou: "A morte é

Digitalizado com CamScanner

uma ave noturna habitando no começo de nós" esta frase estava pichada no muro de minha casa, alguém depois complementou a frase com outra frase: "a morte são sonhos esquecidos para sempre no sótão". E as frases foram aumentando até virarem um imenso elogio à morte. Até que alguém escreveu "a morte é a única perspectiva de liberdade", foi quando resolvi pintar de novo o muro de branco porque acho que morte e liberdade são conceitos antagônicos. Dias depois o muro estava pintado de vermelho e em letras garrafais e negras as frases: "a morte é a nossa eletricidade". "A morte é amor". Guto parecia iluminado. Esqueci o que fazia ali, naquele quarto onde tudo era possível, até o amor. Guto levantou-se, abriu a janela, só então percebi que ali havia janelas. O quarto de Guto era enorme. Era uma sala contínua. Dividida em compartimentos. Augusto escreveu nas paredes o nome dos cômodos. Lia-se sala, onde deveria ser a sala. Quarto onde deveria ser o quarto, escritório onde deveria ser o escritório e uma área verde, toda pintada de verde. Estávamos na sala. Havia jornal, revistas, quadros, plantas, cinzeiros e uma mesinha no centro, que abrigava uma vasilha de onde saía incenso. Augusto voltou à posição anterior. Olhou para mim com ternura. Seus olhos eram olhos de criança. Mendigavam. "Guto", tentei falar, "eu vim aqui, para conversar sobre nós". Pela primeira vez consegui terminar uma frase. Guto me olhava nos olhos. "Você sabe, nós dois precisamos resolver muitas coisas, acho que nossa relação chegou num ponto crítico, não dá mais para continuar assim. Essa insegurança de nossa relação me deixa louca. Interfere em tudo o que faço". Falei aquilo com muita dificuldade. Guto continuava imóvel, só que de olhos fechados. Imerso nele mesmo. Parecia não ter escutado nada. "Droga", gritei. Guto começou a rir. "Droga de vida", gritei mais alto ainda. Guto riu ainda mais alto. "Você está reagindo, é a estrela que se move". "Você não quer entender nada", retruquei. "Você é minha eletricidade, preciso de você para ligar-me ao mundo". Nós falávamos em voz alta, como se houvesse algum barulho intenso. Não havia nada disso e falávamos alto, apesar de tudo. "Você está reagindo estupidamente", continuou Guto. Joguei nele um cinzeiro. Não joguei

Digitalizado com CamScanner

com força, nem para acertá-lo. O cinzeiro bateu em sua testa. Augusto caiu. As mãos foram para o local atingido. "Desculpe, não tinha intenção. Me perdoa". Procurei na despensa algum remédio, não havia despensa nem remédio. Apenas o nome na parede: despensa. "E agora?" pensei. Augusto estava deitado. Inerte. Fazia cena, eu sei. Mas na testa surgiu um galo. Guto gemia. "Você me machucou", murmurou. "Agora estou livre e você também, não temos mais nada para pagar. Minhas dívidas foram saldadas por este seu gesto. A violência tem essa alegria primitiva. Estou exorcizado. Meus demônios brotam na testa". "Não tive a intenção, perdoa", tentei consertar. "Não faz mal, agora você não precisa explicar nada. As palavras não explicam o amor. O silêncio é companheiro". "Guto, quero que você me desculpe, nunca pensei que faria isso, você me provocou". Augusto levantou-se de uma vez. Ainda com as mãos na testa, foi à geladeira. Havia uma geladeira no quarto dele, só que desligada. Pegou uma garrafa de vinho branco imaginário. Pegou os copos. Sentou-se à mesa. Convidou-me para sentar. Serviu-me do vinho. "Vamos comemorar" e bebemos mais de uma vez a taça. "Mais uma rodada", falou. Topei a brincadeira. Na terceira rodada, Guto me perguntou se eu tinha dinheiro, disse que não. "Vamos aproveitar o máximo desse vinho, que não temos dinheiro para comprar outro. "Evoé", "Salute", respondi erguendo a taça. "In vino veritas", continuou Augusto.

Terminada a cerimônia, Guto, com a voz já pastosa e olhos caídos, pegou em minhas mãos. Há muito Augusto não pegava em minhas mãos. "Querida", falou, "agora somos pássaros e não temos gaiolas, podemos voar". Guto me beijou nos olhos. Comecei a tremer. "Fiz um poema para você", falou Guto, enquanto suas mãos percorriam outras geografias do meu corpo. "Vamos para o meu escritório, lá é mais aconchegante". No escritório de Guto, havia um colchão no chão, um vaso onde estavam os jornais e revistas, uma escrivaninha, uma máquina de escrever, uma radiola e discos cuidadosamente empilhados. "Fiz um poema para esta ocasião", e o procurou na gaveta da escrivaninha, em cima da mesa e só foi achá-lo no meio dos discos. Eu já me achava

Digitalizado com CamScanner

sentada no colchão e encostada nas almofadas. Guto fechou as janelas. O quarto escureceu. Não acendeu as lâmpadas. "Não preciso de luz para ler meus poemas. Prefiro lê-los no escuro. Caso eu não consiga ler alguns versos, eu os invento e assim o poema ganha nova dimensão". O papel que Guto tinha nas mãos, provavelmente estava em branco. "Feche os olhos", falou Augusto. Obedeci. "Relaxe". Deixei o corpo livre, para sentir as palavras. "São carícias, também são punhais. Elas vão te penetrar. Como eu te penetro com minha fome e sede". De olhos fechados esperei o início do jogo. "Palavras são carícias e são punhais, são agruras de amor que ferem o mais fundo". E começamos a viagem, a longa viagem em torno de nós mesmos.

"As palavras são carícias e punhais" e me senti atravessada por Guto. Era uma estrela cadente e me movia debaixo daquele homem, redescobrindo minha feminilidade e felizmente recomeçamos, de novo, o mistério da criação.

PROFORMAÇÃO
AGF - São João do Piauí
Coord. Mª Célia de S. Farias

Digitalizado com CamScanner

HISTÓRIA DO PORCÃO E DO CRIOULO
(crioulo versus porcão)

CRIOULO VERSUS PORCÃO

CRIOULO sai do mictório. Dribla uma barata, cambaleia para a esquerda, mas toma rumo da direita. Aparece uma ratazana que olha nos seus olhos. CRIOULO dá uma paradinha e com uma ginga de corpo deixa a enorme ratazana para trás. Corre célere para a glória. Falta pouco, muito pouco. Apenas um obstáculo. Um defensor que aparece de surpresa. Fácil. Muito fácil. CRIOULO está em plena forma. Esbanja saúde e categoria. A vida é assim mesmo. Uma caixinha de surpresa. Nem sempre vence o melhor. Perde-se hoje, ganha-se amanhã.

As luzes estão acesas ou apagadas? Não interessa. CRIOULO quer marcar o gol de sua vida e só. Os minutos se somam. O tempo é quase findo. Neste jogo não há empate, prorrogação, disputa de pênaltis. CRIOULO joga o jogo de sua vida.

Poucos minutos e tudo estará terminado. Entrevistas, prêmios, tapinhas nas costas, promessas

Digitalizado com CamScanner

de aumento no ordenado, a fama, a transferência para um time europeu, dólares, enfim, a consagração. Mendigar cachaça no Porcão nunca mais.

CRIOULO corre para a glória. Tropeça no pé da mesa, cai. Rola de desesperança no gramado de ladrilho e gordura. Ouve o "oh" da torcida. É a descarga da privada. Põe a mão no tornozelo. Finge que dói. Sente a dor do público. Rola de infelicidade naquele gramado de pedra. É o fim do jogo, da festa. Pede a presença do massagista e do médico. O massagista tem a cara do Porcão. Ele vem correndo, em vez do éter e do gelo, lhe entrega o balde dágua, o pano de chão e a vassoura.

Digitalizado com CamScanner

HISTÓRIA DA MULHER DO HORÓSCOPO (alfa de centauro)

ALFA DE CENTAURO

Quando me olho no espelho não vejo apenas meu retrato. Vejo meu avesso. Sou duas. Três. Muitas. Às vezes fico em dúvida: Nico ou Cornélio? Os dois e mais Augusto. Às vezes nenhum. Sinto-me desgarrada de meu rebanho. Estrela sem constelação, brilhando aqui e ali sem um sol para me aquecer. Outras vezes solto meus diabos e venenos. Quero todos. De uma vez. Tenho muitas garras e sei me defender.

À esquerda do Cruzeiro do Sul está a constelação de Escorpião, num fundo sem limites, e é lá que transitam meus cometas.

Estou tecendo esta história com os fios de minha loucura. Não sei se deveria contar estas coisas. São tão minhas.

Sou doméstica. Do signo de Escorpião, portanto adoro enfrentar dificuldades, sou afeita a paixões violentas, gosto de agir sem muita precaução. Gosto do lado oculto e profundo das coisas, dos segredos, de me

Digitalizado com CamScanner

entregar a meditações, sou possessiva, ciumenta, curiosa, crítica, lacônica, impetuosa e magnetizante. Sou católica, rezo todas as noites, vou à missa quando posso, faço e cumpro promessas. Augusto, o marido, sempre chega às 6 horas. Toma seu banho. Lê o jornal. Janta. Vê televisão e boceja quando começa a novela das 8. Sai às 7:30 horas da manhã, me dá um beijo e só volta à tarde. Fico no portão até o carro virar a primeira à direita. Olho para a casa e penso no dia a dia. Ninguém imagina o que se passa na cabeça de uma dona de casa. Enquanto arrumo casa, me permito sonhar com Cornélio e Nicodemos. E entre um prato lavado e o arroz que cozinha viajo para o meu país interior: arrumo o cabelo, faço unhas, passo baton, visto uma roupa da moda, sapato alto, brinco, colar, pulseira, perfume francês. Nicodemos vai passar às 8. Iremos jantar no Jorge's e depois daremos uma passada no Mirante para ver o céu. Nicodemos é astrônomo e tem verdadeira paixão pelo que faz. A olho nu vai me mostrando estrelas, constelações e outros corpos celestes. Depois vamos ao seu apartamento beber champanha e fazer amor.

Com Cornélio não tem nada disso. Nunca avisa o dia que vem. Gosta de mim do jeito que sou. Não liga para jóias e pintura. Não distingue uma bijuteria de uma jóia verdadeira. Bebe cerveja e cachaça e gosta de restaurantes populares. De preferência do Bar e Café S. Jorge. Me beija o tempo todo e, se eu facilitar, faz amor na rua, no carro, na mesa do bar. Hi, o almoço está atrasado e as crianças logo chegam da aula. É preciso me apressar, mas antes vou arrumar meus cabelos, hoje não tive tempo nem para isso, pode chegar uma visita e eu me sinto uma bruxa.

De novo o espelho. Minha imagem está intacta. Perfeita. O espelho está me mostrando inteira. Real. Terrivelmente real e cotidiana. Vou colocar um lenço no cabelo. Batom vermelho. Brincos enormes. Saia colorida. Sou Carmem, a espanhola. Rebolo no cabaré do Dom Porcone. As castanholas explodem no ar. O salão é todo música. Chega Dom Augustus e me beija na boca. Dom Nicodemus não gosta do beijo de Dom Augustus e o esmurra. Está começando a confusão, enquanto isso vou ver meu arroz, as crianças estão

Digitalizado com CamScanner

para chegar. Se os homens não fossem violentos, Carmem poderia viver com os dois. Beijava Dom Augustus numa bochecha e Dom Nicodemus na outra. Carmem é luxuriante e sabe os segredos da cama. Iria matar de prazer e desejo os dois de uma só vez. Mas cada um quer Carmem só para ele e Carmem gosta de cantar e de ficar debaixo de Cornélio. Cornélio não é violento nem arrogante. É um moço fino, incapaz de levantar a voz para Carmem, faz o que Carmem quer e até o que ela não quer. Na cama, Cornélio é um artista. Toda a sua timidez termina quando tem Carmem nos braços. Cornélio me põe louca. Primeiro me fareja. Depois tira peça por peça, devagar, muito devagar. Quando estou nuinha vem com a língua. E grito, esperneio, falo palavrão, me dispo de Carmem, me dispo de palavras. Sou Eva. Torno-me virginal para Cornélio iniciar em mim o ciclo humano que irá habitar o planeta Terra. Fatigada e exaurida agradeço, primeiro a Cornélio, depois a Deus por ter me feito mulher. A música não pára no Dom Porcone e Carmem, a estrela da noite, precisa ganhar muito dinheiro. Ela quer viajar para os Estados Unidos. Carmem tem um segredo, vai ser artista de cinema e contracenar com Robert Redford.

O almoço está pronto. As crianças já chegaram da escola. Tenho que lavar os pratos e depois lavar a roupa. Molhar as plantas e limpar os vidros da janela. Isto me toma um tempo danado. Meu horóscopo diz que hoje vou ter uma surpresa. Será que Augusto está lembrando que hoje é o dia de nosso aniversário? A gente poderia jantar fora. Augusto gosta de festa e os meninos também. Não. Ele está economizando para comprar um carro. Não podemos fazer despesas extras. Vou começar a tecer. O frio está chegando e nesta época é fácil vender blusas e pulôveres. Os novelos de lã de hoje são menores e de qualidade ruim, não são como os de antigamente. Tenho alguns ainda antigos e vou misturá-los. A qualidade é essencial no meu trabalho. A meteorologia diz que hoje o tempo vai firmar, a lua é quarto minguante, quero ver se consigo ver a Alfa de Centauro que fica perto do Cruzeiro do Sul. Nicodemos deixou comigo a posição exata e ainda me emprestou o seu telescópio. Gosto muito de ver o céu, é uma maneira

Digitalizado com CamScanner

de estar junto com o Nico. Ele é tão fino e educado, que dificilmente acharei outro homem igual. Segundo o Nico, a Alfa de Centauro fica na região austral média e sua cor é amarela. Alfa de Centauro são três estrelas, mas só vemos uma. As estrelas são palavras que se escondem atrás de suas cores, formas e significados. São poucas e muitas e só se revelam depois. Depois de arquivada toda nossa soberba e prepotência. É preciso humildade para descobrirmos as coisas que estão além dos olhos. São Francisco conseguiu ver na pobreza, a sabedoria. Será que conseguirei ver nas estrelas o fundo infinito das coisas? Não posso me perder em divagações. O tempo passa depressa e preciso tomar banho para esperar Augusto. Vou colocar meu melhor vestido. Talvez ele traga rosas, sempre trouxe rosas no dia de nosso aniversário de casamento. Minto. Uma vez trouxe margaridas e palmas. Prefiro rosas. São mais românticas. Isto faz tanto tempo que nem me lembro mais. Sou viciada na vida e quero estar pronta para tudo. São 17:00 hs. Augusto é pontual. É um relógio suíço. Nunca atrasa. Tenho ainda uma hora. É tempo suficiente. Primeiro o banho. A banheira está cheia. Só tomo banho de banheira em situações especiais. Gosto de ficar imersa. A água quente me penetrando por todos os buracos, me relaxo e me excito. Passo a mão em meu sexo. Sou Nicodemos e estamos nas montanhas de Nova Lima vendo o Cruzeiro do Sul, enquanto vejo as estrelas, Nicodemos me beija na nuca. Arrepio toda. Viro e engulo sua boca. Ali mesmo tiramos a roupa, apesar do frio e do vento nossos corpos estão quentes. Ele me penetra, nada me incomoda e vejo no céu o movimento das estrelas. Ao passar as mãos nos seios, me detenho com a penugem que há neles. Neste momento Cornélio, no Bar e Café S. Jorge, acaba de virar uma dose de pinga e tira meus seios da blusa na frente de todo mundo, fico vermelha, mas deixo a cena continuar. Cornélio é assim mesmo. Para ele não há lugar. Ele me deseja e só de vê-lo fico molhada. São 17:30 hs. Hora de ir para o espelho e me pintar. O horóscopo me diz de uma surpresa. O dicionário diz que *Escorpião* vem do latim Scorpius, ii, constelação zodiacal situada entre Balança e Sagitário, desenhada por numerosas estrelas brilhantes. Estou diante do

Digitalizado com CamScanner

espelho à procura dos fios de minha loucura. São muitas. São tantas. O cabelo está quase seco. Faço um coque. Ponho brincos de argolas. Amarro a blusa na cintura, ponho no olho esquerdo uma venda, sou pirata. Augusto está para chegar. É preciso quebrar o espelho.

Digitalizado com CamScanner

HISTÓRIA DOS POETAS
(um faz glute, outro não faz)

UM FAZ GLUTE OUTRO NÃO

POETA DE BARBA bebeu Aristóteles, Ovídio, Virgílio, Dante, Cervantes, Camões. Comeu Joyce, Rosa, Mallarmé, Pound, Elliot, Witman. Mastigou Cabral, Maiakovski. Amou Drummond, Bandeira, Quintana, Vinícius, Gullar, Mário de Andrade, Fernando Pessoa, Neruda. Deglutiu Oswald, Murilo. Escreveu um livro genial. POETA SEM BARBA fez glute. Um livro raro. Misterioso. Hermético. Incompreendido. NÃO VENDEU NADA DE NADA. O POETA DE BARBA se sentiu um pária, um marginal.

POETA SEM BARBA que faz glute compreendeu a incompreensão do poeta e do público. Sentiu a solidão do poeta de barba e o ostracismo do livro do POETA DE BARBA e, num arroubo modernista, dedicou ao amigo estes versos:

"O poeta escreve um poema
ninguém lê

Digitalizado com CamScanner

O poeta faz um livro
ninguém compra
O poeta é um marginal."

Esgotadas as possibilidades do livro e da poesia, POETA DE BARBA e POETA SEM BARBA, com auxílio da herança de uma tia-avó reacionária e parnasiana, compram do Porcão o Bar & Café São Jorge e chamam o Crioulo para garçon.

SEGUNDO TRAJETO DE AUGUSTO

— Já passa das dez, vou deitar. Lá não tem mesmo telefone, falou o homem.

— Não deve ter, senão Nico telefonava, falou a mulher confirmando a história.

O homem sobe lentamente os degraus que o levam para o quarto. Demora nos passos, nos gestos. Não há pressa. A vida durará enquanto duram aqueles degraus. Depois dos comprimidos, basta fechar os olhos e dormir o sono do alheamento.

Nicodemos não vem. Sabe disso. A mulher também. Às vezes é preciso mentir para enfrentar o enfado do viver.

A velhice é viagem sem volta.

O homem acende um cigarro. Fala sozinho: "É o último cigarro que fumo" e se surpreende com a frase. Mas ainda há vida em seus olhos, apesar de algumas lágrimas.

Na fumaça do cigarro, o Bar & Café S. Jorge ressurge bêbado em seus passos. O bar está ali e sobe com Augusto os degraus.

"Onde estão os outros?" pergunta, sem interesse pela resposta. O homem não sabe dos outros. Devem estar esperando por alguém que não veio, nem virá.

À medida que sobe os degraus, vão surgindo os fantasmas, que ele, Augusto, não quer exorcizar.

O HOMEM CALVO e o HOMEM DE GRAVATA à procura das mulheres, bebem garrafas de confidências.

Os POETAS, ah, os poetas, em que palavra ou poema se perderam?

Digitalizado com CamScanner

A LOURA OXIGENADA E O RAPAZ devem estar afogados no fundo mais fundo de uma cama qualquer.

MULHER DE ÓCULOS E MORENA DE VESTIDO — caça e caçador — em tocaia constante.

CRIOULO e sua bola de ouro. Um dia a bola furou e a vida virou balcão, rabo de galo e, naturalmente, murchou.

Ficou, apenas, a RATAZANA, roendo os ossos e a memória.

A viagem até o quarto dura toda uma vida. É preciso apressar os passos. Já se ouve o barulho da mulher no corredor. Resta-lhe apagar as luzes da memória e dormir o sono do esquecimento.

A mulher recolhe o tricô. Verifica as janelas e portas. Sobe. Encontra o homem debaixo das cobertas, de olhos abertos, fixos, no teto.

Digitalizado com CamScanner

3ª PARTE
FIM DE FESTA

FIM DE FESTA

(O homem e a mulher fazem aniversário no mesmo dia. O homem ainda está na rua, no bar. A mulher arruma a sala. Os convidados estão para chegar. São todos invisíveis).

Homem: Estou atrasado. Já é tarde e ainda estou aqui neste bar sorvendo a tarde que foi azul. Hoje faço aniversário. Mais um ano ou menos um? Estas flores são para minha mulher. Resolvemos nascer no mesmo dia. Onde começo, ela termina.

Mulher: (arrumando a sala)

— Já são 19 horas e Guto ainda não chegou. Agora mesmo começam a chegar os convidados. Enquanto Guto não chega, deixa eu ir arrumando a mesa. O bolo está pronto e é preciso ficar atenta. Os meninos estão cada vez mais levados. Eles são capazes de furar o bolo com o dedo antes de cantarmos o "parabéns". Será que vem alguém importante? Há muito tempo que só vem a família. Guto me falou que talvez dois poetas venham

Digitalizado com CamScanner

ao nosso aniversário. Não sei. Prefiro só o pessoal da família. A gente não precisa fazer sala, nem nada. Eles são de casa e nós não precisamos nos preocupar e depois tem o problema dos meninos que cada dia fazem mais bagunça e quando tem gente estranha, aí é que eles aproveitam. (Dando uma olhada no ambiente). Acho que está tudo nos devidos lugares. O bolo está pronto. As velas. Os salgadinhos. Ah, já ia me esquecendo de encher os balões. Eu sei que o aniversário é de adulto, mas os meninos não fazem diferença. Eles querem é balão, é soprar velas e cantar o "parabéns".

Homem: (Chegando)

— Estava te esperando às 15 naquele bar de sempre. Só depois me lembrei do nosso aniversário e vim voando. Estas flores são para você. (Beija a mulher).

Mulher: Está tudo pronto. O pessoal começa a chegar daqui a pouco.

Homem: Vem todo mundo?

Mulher: Os de sempre. E os poetas virão?

H: Estive com eles. Eles falaram que aparecem mais tarde.

M: Eles são tão esquisitos!

H: É o jeito deles.

M: Tomara que eles não venham.

H: Por quê?

M: Não é nada pessoal. Só que fico com trabalho dobrado. Além de cuidar dos meninos e dos outros, tenho que dar atenção redobrada a eles. Gente que a gente não conhece, é difícil de lidar.

H: Não se preocupe, eles são simples. Eu cuido deles. E os meninos?

M: Ah; estão no banho até agora. Já ia me esquecendo deles.

(Toca a campainha).

M: Atenda a porta (fala para o marido) enquanto cuido dos meninos.

H: Vá lá arrumar os meninos, que cuido da porta. (Grita para a mulher) São seus pais e avós. Tia Augusta e Tio Cornélio também estão chegando. Fala pro Gute, que Tia Augusta trouxe o Nico. (O homem dirigindo-se aos visitantes) Entrem. Guta está arrumando os meninos, já vem logo. Fiquem à vontade. A cerveja está na

Digitalizado com CamScanner

geladeira. Vou preparar uma caipirinha para você, Tio Cornélio. Fiquem à vontade. Não façam cerimônias. (A campainha toca novamente). Vão bebendo alguma coisa que vou atender a porta.

M: (Gritando do banheiro) Os meninos já estão indo, já vou descer, só falta arrumar o cabelo. Guto (grita) quem mais chegou?

H: Já chegaram todos os parentes. Espera que estão batendo à porta.

M: Quem são?

H: Desça logo que os poetas chegaram e trouxeram um livro para mim e um disco para você.

M: (Ainda no banheiro) Como é que chama o disco?

H: A Flauta de Pixinguinha!

M: Oba, estou estudando flauta. E o livro?

H: É um livro do Mário de Andrade.

M: Poesia?

H: Macunaíma. Mas venha logo, que querem te conhecer.

M: Já estou indo.

H: (Apresentando os poetas) Este é o Carlos Quintana e este aqui o Oswaldo Vinícius.

M: Prazer. Agora fiquem à vontade. Adorei o presente. Isto deve ser coisa de poeta, adivinhar o nosso pensamento. Obrigada.

H: Guta, cuidado com o Gute. Este pestinha está ameaçando o bolo com o seu dedinho.

M: Se você não me ajudar, a festa vira bagunça.

H: (Dirigindo-se aos convidados) Todos estão servidos? Não se acanhem. A cerveja está na geladeira. O gelo está ali, no isopor. Os salgados estão na cozinha. A casa é de vocês.

M: Já está na hora de soprar as velas.

H: Isto não. Já passei da idade.

M: Mas os meninos gostam. Faz o seguinte: Nico sopra as minhas velas e Gute sopra as suas.

H: Assim mesmo fico encabulado. Morro de vergonha.

M: É para os meninos. Faça este sacrifício.

H: Este é o último ano, hein?

M: Está bem. (Falando para algum conviva). Favor apagar as luzes, que vamos cantar o "parabéns". (Acende

Digitalizado com CamScanner

as velas que são muitas. Somente as velas acesas. Canta-se o "parabéns". Ruídos. Vivas. Obas. Etc. Quando a luz se acende o Homem e a Mulher estão sentados numa cadeira. A mesa está desorganizada e o bolo está pela metade. Não há mais ninguém na sala).

H: Estamos ficando velhos.

M: Ou novos?

H: (Falando entre risos) Estamos em rotação constante. O futuro e o passado se fundem em nós, naturalmente.

M: Se foi mais um ano ou menos um ano, não sei! Só sei que estou exausta e ainda tenho que arrumar a casa.

H: Você viu a cara de Tia Augusta quando o Gute enfiou o dedo no bolo? E a cara que sua avó fez, quando seu avô tomava cerveja de canudinho?

M: Tia Augusta ficou toda regateira quando viu os poetas. E Tio Cornélio recitou "As Pombas" de Raimundo Correa... "Vai-se a primeira pomba e depois vai o pombal todo" (risos).

H: Os poetas beberam quase tudo que tinha na geladeira. Não sobrou quase nada. Só um vinho.

M: Nem uma cerveja? Não bebi nada. Fiquei só atendendo o pessoal. Deixei para beber depois. Não gosto de vinho.

H: Não faz mal. Amanhã a gente comemora.

M: Eu queria beber hoje. Amanhã é outro dia e aniversário é aniversário.

H: Amanhã nós comemoraremos o nosso desaniversário. Ninguém virá. Faremos uma festa fantasma. Eu convido uma porção de gente, por exemplo: o Neruda, o Chaplin, a rainha Elizabeth, o Tarzan, o Snoopy, o Charlie Brown, o Asterix.

M: Eu convido o papa, o Omar Shariff, o Elvis Presley, os Beatles.

H: Depois vou à esquina e compro uma dúzia de latas de cera.

M: E num golpe de Mandrake transformamos todos em personagens.

H: (Trepando na mesa) Senhoras e senhores, venham todos conhecer o museu mais atual do mundo.

M: Vamos cobrar um preço razoável e ficaremos ricos.

Digitalizado com CamScanner

H: Milionários.
M: Viajaremos pelos Atlânticos e Pacíficos mares.
H: E não deixaremos de conhecer.
M: A Oropa, a França e Bahia.
H: Estão faltando, exatamente, 365 dias para o próximo aniversário.
M: Mas para o desaniversário não falta nada.
H: Nem o bolo.
M: No desaniversário tudo é supérfluo.
H: Até os desaniversariantes.
M: (Concordando) Até os desaniversariantes.
H: Estamos livres. Felizmente estamos livres e em paz.
M: Não haverá convidados
H: Nem festas.
M: Tampouco bolo.
H: Velas.
M: Balões.
H: Parabéns.
M: Presentes.
H: (Com voz empastada) Como diria Cornelius: nothing.
M: Como diria Augustus: Nihil.
H: Como diria Nicodemus: nada.
M: E como eu diria: necas.
H: (Em tom de reverência) E como não há nada, não há o porquê de comemorar.
M: Proponho um brinde à comemoração.
H: E outro ao não-aniversário.
M: E outro e mais outro a não-bebida.
H: E, finalmente, um brinde para nós, os únicos que não comemoram aniversários. Não há datas disponíveis no nosso calendário.
M: (rindo) Parabéns!
H: Parabéns para você!
M: Nesta data querida...

II

(A sala é toda luz. Homem e mulher desfazem a mesa. A sala agora é de lazer. O homem está de costas

Digitalizado com CamScanner

colocando um disco na vitrola e a mulher se arrumando no espelho. A luz diminui. A sala ganha uma coloração de sépia. A mulher faz um coque nos cabelos e o homem fuma cachimbo e tosse. A mulher senta-se na poltrona e faz tricô. A música é suave e a conversa intimista.)

"Hoje não veio ninguém", falou o homem. "E você esperava que alguém viesse?", retrucou a mulher.

— Pelo menos o Nicodemus — Nicodemus está casado, não liga mais para nós.

— Nem um telefonema — Temos que acostumar — Ainda gosto de festas — Lembro-me de todas — A dos poetas foi a mais interessante — Não tomei nem uma cerveja — Não sobrou nada — Aquele aniversário valeu por todos — E tia Augusta? — E papai tomando cerveja de canudinho? Tio Cornélio entestando com vizinha, 30 anos mais nova, tia Augusta passando um rabo de olho nele e depois um beliscão. — Tio Cornélio sabia viver — Tia Augusta era rabugenta, mas tinha um coração do tamanho do mundo — Todos eram bons — Todos.

A música aumentou. Apesar da música, havia silêncio. A mulher tricotava, às vezes cochilava. O homem fumava. O tempo escorria através da música, através da fumaça do cachimbo, do barulho das agulhas de tricô.

"Está chegando a nossa hora", comentou a mulher, colocando o tricô na mesinha ao lado. "Um dia tudo chega ao seu final", concordou o homem dando mais uma tragada e pigarreando. "Este cachimbo ainda vai te matar", disse a mulher com ternura. "Só o cachimbo? " respondeu com ironia e amargura o homem. — Nicodemos não vem mais — Ainda não são 21 horas — Tempos atrás a esta hora a casa estava pegando fogo — Era um mundéu de gente: primos, irmãs, tios, pais, filhos — Agora nem os netos vêm mais — Ninguém — Ninguém.

Uma lágrima correu nos olhos da mulher. Ela simulou um espirro para despistar o homem. Havia na sala uma janela aberta e o homem olhou para seu vão. Olhou depois para a mulher e percebeu a lágrima. Não disse nada sobre o incidente. Dissimulou: "O Nicodemus viajou, houve um problema na firma e ele teve que viajar. Por que não lembrei-me disso antes?" mentiu.

Digitalizado com CamScanner

"E nós fazendo mau-juízo dele", consertou a mulher, entrando no jogo do homem. "Talvez ele telefone de lá, aliás, nem sei se lá tem telefone. É uma fazenda perto de Governador Valadares. As máquinas de irrigação da fazenda estragaram e lá foi o nosso Nicodemos resolver mais esse problema. — "O Nicodemos está sempre resolvendo coisas para os outros", retrucou com ciúme a mulher. "Já passa das 22 hs, vou deitar. Lá não tem mesmo telefone" — "Não deve ter, senão Nico telefonava" — falou a mulher confirmando a história.

III

Quando a mulher entrou no quarto o homem já estava debaixo das cobertas. Os olhos do homem fixavam o teto. Abertos e acesos os olhos do homem. A mulher não percebeu o vidro de comprimidos caídos no chão. A mulher vestiu a camisola no banheiro. Há muito não trocava de roupas na frente do marido. O corpo não resistiu ao tempo. Desgastado em ruínas.

"Ninguém veio, nem virá", falou o homem baixinho, quase sussurrando, havia saudade naquela voz. "No próximo aniversário, virão", consertou a mulher. "Não haverá mais aniversário", concluiu com voz embargada o homem. "Ainda temos muito o que viver", animou a mulher. "E o que sonhar", era o homem tentando concordar com a mulher. "O sonho não acaba nunca, ainda me lembro"... "Pára", interrompeu o homem. "Chegamos ao fim do espetáculo, as luzes vão se apagar e não há mais público, nem nada. É o fim da festa, o *the end*", e beijou com ternura as faces da mulher e dormiu para sempre.

DOAÇÃO
BIBLIOTECA-UESPI

Digitalizado com CamScanner

Poetas nefelibatas, românticos, cáusticos. Louras oxigenadas, doces morenas, homens calvos, engravatados, amáveis. Bêbados sonhadores, sonâmbulos. São os personagens que povoam este território demarcado e único de nome *Bar e Café Rio Jorge*.

O fio condutor deste romance são os personagens com seus poemas, palavras, promessas, esperanças, aventuras e sonhos. E uma cervejinha para espantar a secura da garganta e a solidão.

O romance é trabalhado com mãos de artesão. É um romance desmontável. As cenas são ladrilhos que compõem um rico painel. E quem conduz os personagens deste painel somos nós, também personagens de um mundo em constante turbulência e transformação.

O romance é dividido em três tempos. No primeiro momento, a ação se desenrola num clima de mistério e envolvimento. A trama é tecida através dos personagens que se multiplicam em diálogos e suposições. O clima é de neblina. O leitor recolhe as pistas e arma no seu tabuleiro imaginário as peregrinações e o destino de cada personagem.

No segundo tempo, acontecem as histórias que confirmam a trajetória e o destino dos personagens. Preparamos as peças para o xeque-mate. Para o final do jogo. Para a cerimônia do adeus, que é o terceiro tempo.

EDITORA LE

ROMANCE

ISBN 85-329-0429-7

9 788532 904294

OS NARRADORES

Romancistas e contistas da atualidade estão reunidos nesta coleção, com textos premiados ou selecionados nos mais importantes concursos nacionais de literatura. Já aprovados pela crítica, são agora apresentados ao público, em primeira mão, pela Editora Lê.
Formam um conjunto dos mais representativos da prosa contemporânea no Brasil.

BALÉ DE SOMBRAS
(ROMANCE)
Drummond Amorim

BAR E CAFÉ SÃO JORGE
(ROMANCE)
Ronald Claver

DEUS DOS ABISMOS
(CONTOS)
Duílio Gomes

EM NOME DO FILHO
(ROMANCE)
Lino de Albergaria

O INVENTOR DE ESTRELAS
(CONTOS)
João Batista Melo

A LÍNGUA DA SERPENTE
(ROMANCE)
Jeter Neves

UMA MULHER, OUTRA MULHER
(CONTOS)
Ana Cecília Carvalho